

O Diretor da Colônia Santa Isabel que não falava a língua dos imigrantes

Maria Helena Meira Luz¹

Ao tempo em que se comemora os 175 anos de fundação da Colônia Santa Isabel, um núcleo que, inicialmente, abrigou 256 alemães sendo 142 do sexo masculino e 114 do feminino, (MATTOS, 1917, p. 105) chegados à Província de Santa Catarina, remetidos pelo governo Imperial, achei que valeria a pena escrever um artigo alusivo à data, fazendo referência e homenageando um dos homens que a comandou: Joaquim José de Souza Corcoroca. Ele não falava a língua dos imigrantes.

Colônia Santa Isabel

A esse núcleo colonial fora dado o nome da filha do Imperador Dom Pedro II, a Princesa Isabel. Sendo ela fundada em julho de 1847, segundo Jacinto Antonio de Mattos (1917, p. 105).

Em 31.01.1860, o Presidente da Província Francisco Carlos de Araújo Brusque no seu relatório assinado no Palácio do Governo da Província de Santa Catharina, no capítulo em que se refere a colonização, (Relatório Pres. Prov. 1860, p. 18) assim se expressa:

***Santa Isabel** – Dos 256 colonos remetidos em 1847 fixarão somente 164 indivíduos sua residência na localidade escolhida para esta colônia, nas imediações do Rio dos Bugres, na estrada de Lages, distante 7 leguas da cidade de São José.*

¹ Pedagoga, genealogista, sócia e ex-diretora cultural do INGESC (Instituto de Genealogia de Santa Catarina), escritora, membro da Academia São José de Letras (ASAJOL), ocupante da Cadeira de n. 15. Tem três obras genealógicas publicadas: Da Boêmia Alemã para Desterro (estudo da Família Freyesleben/Freisleben) em 2012; Franz Meurer: Um Jovem Imigrante Alemão (estudo Família Meira/Meurer), editado em 2014; Chaplin Súditos de Sua Majestade Britânica (Família Chaplin), em 2022. Reside em Florianópolis/SC. Contato: mariahelenamluz@gmail.com

Esta colônia está bem situada e promete grande desenvolvimento se conseguir-se como penso, tornar acessível ao trânsito de carros a única estrada que lhe da comunicação com esta capital, seu principal mercado.

Contém 60 estabelecimentos agrícolas, algumas, poucas, fabricas de assucar, engenhos de fazer farinha e olarias. Possui carpinteiros, marceneiros, sapateiros e alfaiates, cujo número não pude alcançar com exactidão. Produz bem o milho, feijão, mandioca, alguma canna e café. A exportação de seus productos chegou no anno de 1859 ao valor de 30:000\$. A importação alcançou a 6:000\$.

Estes colonos, como seus vizinhos da colônia Vargem Grande, vivem na abastança. Todos teem pequenas tropas, que empregão na conducção dos productos de sua lavoura. Não teem ainda aula de instrucção primaria para seus filhos, nem um sacerdote, sendo eles religiosos que, além de duas pequenas capelas, que construirão á sua custa, preparão os materiaes para uma nova com maiores dimensões. São pela maior parte de catholicos.

Sua população actualmente é de 274 habitantes, a saber: homens 142 e mulheres 132. As terras por eles ocupadas são cauculadas em 3.6000.000 braças quadradas. A superfície não cultivada sobe a 5.400.000 braças quadradas

A localidade onde estão feitas as casas que devem receber estes novos colonos encerra todas as condições necessárias para estabelecimentos coloniaes. As terras são boas, a comunicação é fácil, e o mercado para a sua produção será esta mesma capital. (Santa Catarina, 1861, p. 11)

Desse modo, pelo relatório do Presidente Brusque pude aquilatar a situação da Colônia Santa Isabel.

A unificação administrativa das Colônias Santa Isabel e Teresópolis ocorreu em 15 de dezembro de 1865 ocasião em que foi exonerado Joaquim José de Souza Corcoroca e nomeado para ser o Diretor Theodoro Todeschini (JOCHM, BRUCH, 2022, p. 3).

Pela Lei Provincial n. 628, de 11.06.1869 se dá a emancipação da Colônia e a criação de sua Freguesia. Assim, "*as duas colônias que estavam sob a direção do Comendador Gaspar Xavier Neves foram então constituídas em Freguesia, com a denominação de Santa Isabel*" (MATTOS, 1917, p. 108).

Família Souza do Rego em Santa Catarina

Mas o meu interesse em retroceder na história catarinense é demonstrar aqui um pouco da história pessoal de Joaquim José de Souza do Rego "Corcoroca" e sua genealogia que é pouco conhecida dos catarinenses.

Início dessa forma a sua história familiar: Na segunda metade do século XVIII, ou seja, por volta de 1760, quando Manoel de Souza do Rego fora batizado na Freguesia de Santa Cruz, no Bispado de Pernambuco, localizada no semiárido pernambucano. Ele era filho de João Antonio do Rego e Inocência Francisca de Souza, ambos moradores da freguesia do Santíssimo Sacramento, na cidade do Recife/PE.

Não conseguimos saber considerando que ainda não temos esses estudos finalizados, se João Antônio do Rego e Inocência Francisca de Souza eram brasileiros, portugueses continentais ou das ilhas dos Açores. Sabemos apenas que eles eram parentes consanguíneos e que geraram um filho que nasceu no Brasil. De nome "Manoel" com o sobrenome de "Souza do Rego". Não temos nenhum documento comprobatório de sua chegada ao Brasil. Alguns documentos eclesiásticos dizem ser Manoel de Souza do Rego da mesma freguesia de seus pais.

Manoel de Souza do Rego também encontrado nos livros eclesiásticos da Matriz de Desterro, no LB 11 (1797/1802) Fl. 123, como Manoel de Soiza do Rego, que veio para a Vila de Nossa Senhora do Desterro, em data que não podemos precisar por falta de documentos comprobatórios.

O primeiro documento encontrado nos livros paroquiais do Arquivo Eclesiástico de Santa Catarina, cita que Manuel de "Soisa do Rego" provinha da Freguesia do Santíssimo Sacramento, no Recife, Pernambuco, mas não tenho como provar se esse é realmente o seu local de nascimento e batismo, por falta de documentação eclesiástica na origem.

A Capitania de Pernambuco era nessa época um território bastante vasto e abrangia terras que atualmente pertencem geograficamente a outros estados brasileiros. Muito diferente ao seu território atual. Também porque com as invasões sofridas pela capitania de Pernambuco muitos documentos ficaram desaparecidos.

Por volta de 1775 a Ilha de Santa Catarina estava em "pé-de-guerra". Apesar de já ter sido criado o seu Regimento Militar, o Rei de Portugal Dom José I, que governaria até o ano de 1777, por influência do Marquês de Pombal, D. Sebastião José de Carvalho e Melo, manda transportar de Pernambuco, um contingente militar para reforçar a defesa da Ilha contra a ameaça de ataque dos espanhóis:

Esse batalhão se compunha de um grupo de seiscentos homens, pardos e negros do "Batalhão dos Henriques"². Henrique Dias, que já havia falecido no Recife em 1662, mas seu batalhão se destacara na Batalha dos Guararapes. Segundo Ordem Régia de 30 de junho de 1775, o Governador da Província de Pernambuco José Cesar de Menezes deveria expedir com a maior brevidade para o Rio de Janeiro e entregar ao Marquês de Lavradio, vice-rei e capitão general deste Estado um Batalhão de Henriques e outro de Pardos composto cada um de seiscentos homens, os mais escolhidos que achar nos seus respectivos terços. (CRISPIN, 2011, p. 33).

O Brasil vivia em lutas por fronteiras no sul e por vezes, guarnições luso-brasileiras entravam em choque com as forças espanholas. Esse batalhão veio para a Ilha de Santa

² Para assegurar à Coroa Portuguesa os territórios que consideravam pelas descobertas e pelos tratados anteriores e impedir os invasores espanhóis, foi recrutado um contingente de soldados pardos (tonalidade de pele dos nordestinos). Assim era composto o Batalhão dos Henriques de homens pardos e negros que vieram se aliar a outros regimentos no Desterro para vencer os espanhóis. Esta é a versão de alguns historiadores catarinenses que abordaram a história do batalhão de Henrique Dias no sul do Brasil.

Catarina e parte dele foi deslocado para o Rio Grande de São Pedro com o fim proposto no pedido. Alguns soldados morreram nas lutas, muitos ficaram no sul do Brasil e outros voltaram à sua terra natal. Alguns se estabeleceram na Ilha de Santa Catarina. Por isso encontramos nos livros eclesiásticos de Santa Catarina referências a homens de procedência pernambucana que aqui chegaram, ficaram e contraíram matrimônio com mulheres das freguesias catarinenses. É possível que nessa leva tenha vindo para cá Manoel “de Souza do Rego”.

No meu entender, associou-se a ideia de que os espanhóis se mostraram mais temerosos ao ter que enfrentar esses soldados morenos, mulatos, pardos e até negros ao invés de soldados brancos. Talvez eles associassem a cor de pele aos bugres e a indígenas e os considerassem esses soldados mais ferozes e resistentes às lutas, como relatado pelo escritos João Carlos Mosimann (2003, p. 39).

O autor acima citado se refere aos regimentos que para cá vieram lutar contra a incursão que faziam os espanhóis na tentativa de ocupar as terras portuguesas no Sul e é nesta leva de soldados que imagino eu, não sei se comandando ou comandado, porque não encontrei documentos que comprovem, veio Manoel de Souza do Rego.

Apesar do nome ter fortes ligações com sobrenomes portugueses não consegui provar, com documentos, esta sua procedência. Manoel é dado como vindo de Pernambuco. Entretanto outros documentos da Cúria Metropolitana de Florianópolis, atestam que Manuel “de Souza do Rêgo” era proveniente da Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores, Portugal. Como não encontrei o documento de seu batismo não posso comprovar essas afirmativas e preciso dar-lhes credibilidade.

Ele é o ancestral da família “Souza Rego” na Província de Santa Catarina. Sabe-se que Manoel “de Sousa do Reguo” ou “Soiza Reguo” se casou com Anna Francisca da Conceição, natural da Vila de São Miguel da Terra Firme, filha do açoriano Francisco Eloy Alvares da Costa e Luzia de São José, ambos da Ilha de São Jorge, em data que não tenho comprovação, por não encontrar o termo de seu casamento.

Joaquim José de Souza Corcoroca

Joaquim José de Souza Rego, o Diretor Corcoroca, era o segundo filho do casal João de Souza Rego e Illena Rosa. Quando recebi as primeiras informações sobre a pessoa de Joaquim José, que estava pesquisando para o estudo da família Freyesleben, através de carta vinda de São Paulo, de uma prima irmã de minha mãe, Heloysa Freyesleben, ela me fez uma colocação de que ele tinha a alcunha de “alfacinha”, porque era português (ALFACINHA, 2003).

Entretanto não consegui entender, naquela época, o significado certo dessa palavra. Depois, percebi que se tratava de um apelido dos portugueses que nascem em Lisboa. Iniciei assim minha pesquisa e acabei por encontrar documentos que comprovaram que

as informações que os seus descendentes haviam recebido, eram errôneas. Com seu documento de batismo comprovo que ele era brasileiro e catarinense, nascido na Vila de Desterro em 05.04.1820.

Antepassados de Joaquim José de Souza Corcoroca

Pais: João José de Souza do Reguo, da Freg. N. Sra. do Desterro/SC, e Illeana Rosa de Jesus, da Freg. N. Sra. do Desterro/SC, casados em 04.04.1818. **Avós paternos:** Manoel de Souza do Reguo, da Freg. Sta. Cruz, Recife/PE, e Anna Francisca da Conceição, da Freg. São Miguel da Terra Firme/SC. **Avós maternos:** Matheus Francisco Nunes, da Freg. N. Sra. do Desterro/SC, e Marcelina Rosa de Jesus, da Freg. N. Sra. do Desterro/SC, casados em 04.09.1790 na Freg. N. Sra. do Desterro/SC.

Irmãos de Joaquim José de Souza Corcoroca: todos da Freg. de N. Sra. do Desterro/SC: José de Souza Rêgo (18.02.1818), Geremias de Souza Rêgo (11.07.1822), Maria Joaquina de Souza Rêgo (03.03.1824), Hisbina de Souza Rêgo (03.06.1825), Ignacia de Souza do Rêgo (01.08.1826), Balduina Roda de Souza Rêgo (31.08.1828), Anna Joaquina de Souza Rêgo (29.01.1829), que adotou sobrenome "Corcoroca" depois de adulta, e Ludovino de Souza Rêgo (19.01.1833).

Joaquim José na sua infância deve ter estudado em escolas particulares, já que as escolas públicas de primeiras letras não existiam ainda e só na sua vida adulta foram instituídas na Cidade de Desterro pelos governos provinciais.

Joaquim José se casou com Maria Angélica dos Santos, filha de Feliciano José dos Sanctos da Silva, natural de Lisboa, e Angélica Maria da Silva, em 29.01.1842, na Matriz de Nossa Senhora do Desterro. Assinaram as testemunhas: José de Freitas e Antônio Pereira dos Santos:

Aos vinte e nove dias do mes de janeiro de mil oito centos e quarenta e dois nesta Matriz de Nossa Senhora do Desterro da Ilha de Santa Catharina depois de feitas as diligencias necessarias na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituição do Bispado sem haver impedimento algum pellas quatro horas da tarde em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas a face da Igreja com palavras do prezente Joaquim Jose de Souza (não consta o sobrenome Rego, nem Corcoroca, adendo meu) filho legitimo de João Jose de Souza do Rego e Illeana Maria de Jesus natural e Baptizado nesta Matriz de Desterro com Maria Angelica dos Santos, filha legitima de Felicianno dos Sanctos e Silva Angélica Maria da Silva nascida em São José. E logo receberão as benções na forma do Ritual. Do que para constar mandei fazer este termo que assignei com as testemunhas. Vig. Manoel Alvares de Toledo. LC 7 (1839/1844), Fl. 53v.

O casal **Joaquim José** e **Angélica Maria** teve seis filhos.

Filhos de Joaquim José de Souza Corcoroca:

1. Diogo de Souza Corcoroca (12.10.1842) – Freg. N. Sra. do Desterro, **2. Joaquim José** de Souza Crocoroca Filho (22.08.1847) – Prov. de S. Pedro do Rio Grande, **3. Antonio Feliciano** de Souza Corcoroca (03.10.1850) – Freg. N. Sra. do Desterro, **4. Maria Carolina** de Souza Corcoroca (12.04.1856) – Freg. N. Sra. do Desterro, **5. João** de Souza Corcoroca (30.08.1859) – Freg. N. Sra.

do Desterro, **6. Angelica Adelia** de Souza Corcoroca (17.07.1861) – Freg. N. Sra. do Desterro. Apenas essa última nasceu no período de sua direção na Colônia Santa Isabel.

Aos 21.09.1857 (Jornal O Argos, n. 188, p. 4) é citado que... antes de ser nomeado Diretor da Colônia Santa Isabel o advogado Manoel de Freitas Sampaio, da Cidade do Desterro, em nome do Tenente-Coronel Francisco de Oliveira Camacho, fez publicar no jornal "O Argos" um protesto referente ao sobrado na Rua Áurea na Cidade do Desterro que o Sr. Joaquim José de Sousa Corcoroca havia comprado indevidamente do Sr. Miguel Joaquim do Livramento, por 600\$000 réis. Fizemos essa citação para provar mais uma vez o ano em que já usava o apelido "Corcoroca" como sobrenome.

Cita também que Joaquim José pôs à venda "uma escrava que tinha a pouco mais de um ano e que a comprou ao Sr. Comendador João Pinto da Luz, com o qual se poderão informar a respeito". O referido texto foi escrito em 17.05.1856 (Jornal O Argos, n. 041, de 25.06.1856, p. 4). Pensamos dessa forma que ele era um escravagista.

Como vemos Joaquim José era um homem de boas posses e já era incluído nas páginas dos jornais da época. Ele também teve ao seu favor a sorte de ser o sogro de José Brasilício de Souza, compositor da música do Hino do Estado de Santa Catarina e uma grande expressão da arte musical em Santa Catarina.

Joaquim José de Souza Corcoroca faleceu em 29.05.1891:

Aos trinta dias do mês de maio de mil oito centos e noventa e um nesta cidade de Desterro Capital do Estado Federal de Santa Catharina compareceo em meo cartório Antonio Freyesleben e exhibindo um atestado do Dr. Lopes Rodrigues declarou: que faleceu hontem as duas e meia horas da noite, de broncho ictasia³ (?) o Senhor Joaquim José de Souza Corcoroca, branco, catharinense de setenta e um anos de idade, Segundo Tenente Honorario d'Armada Nacional, cazado com Dona Maria Angelica dos Santos Corcoroca, moradores da Rua da Conceição. E para constar faço este termo que assinam com o declarante. Eu, Leonardo José de Campos Júnior assinei. LORC (1890/1892) óbito n. 230, f. 54.

Esse documento não especifica o local de seu sepultamento.

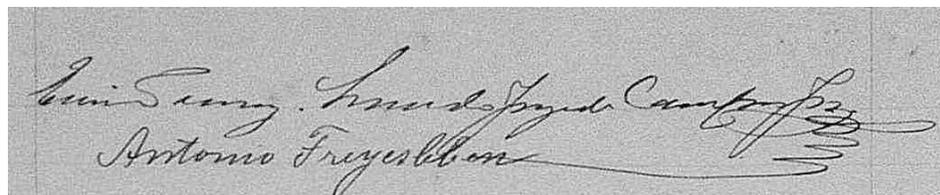
A close-up photograph of a handwritten signature in dark ink on a light-colored paper. The signature is written in a cursive, flowing script and reads "Antonio Freyesleben". The ink is slightly faded, and the paper shows some texture and slight discoloration.

Fig. 1: Assinatura que constam no registro de óbito de Joaquim José de Souza Corcorora. FamilySearch LORC (1890;1892) óbito n. 230, f. 54.

Aqui coloco as assinaturas que constam no termo de óbito de Joaquim José de Souza Corcoroca. É um documento do registro civil. Com o seu falecimento, fica viúva

³ Trata-se de uma doença pulmonar causada por dilatação anormal e irreversível dos brônquios.

dona Maria Angélica dos Santos Corcoroca. Seu óbito foi veiculado no Jornal “O Comercio”, n. 84, p. 1, de 31.05.1891.



Fig. 2: Nota de falecimento de Joaquim José de Souza Corcoroca. Jornal do Comercio, n. 84, de 31.05.1891, p. 1.

Nesse mesmo jornal, porém em outra data, foi veiculado uma nota de convite para a missa de sétimo dia.

Joaquim José de Souza Corcoroca: Convite para Missa

D. Maria Angelica dos Santos Corcoroca, seus filhos, genros e netos aos seus parentes, as pessoas de sua amizade e aos amigos do seu finado esposo, pai, sogro e avô Joaquim José de Souza Corcoroca para assistirem à missa que, pelo eterno repouso de sua alma, mandão celebrar na Igreja da Veneravel Ordem 3ª. de São Francisco, quinta-feira, 4 do corrente, às 8 horas da manhã, pelo que desde já testemunhão sua gratidão. (Jornal O Commercio, n. 85, p. 3, de 02.06.1891)

Dona Maria Angélica faleceu na cidade de Desterro, hoje Florianópolis, em data que não conseguimos comprovar⁴.

No Livro de Óbitos (1857/1861) da Igreja Matriz do Desterro (Imagem 4), disponível no *Family Search*, encontrei um termo de um falecimento, ocorrido em 26.12.1859, portanto, antes de ser nomeado diretor da Colônia Santa Isabel, de Maria, africana, com 80 anos de idade, escrava de Joaquim José de Souza Corcoroca. Aqui seu sobrenome é citado como Corcoroca. Assim, por esse documento, mostramos que Joaquim José era dono de escravos.

Troca do Sobrenome: de “Rego” para “Corcoroca”

Joaquim José, na idade adulta retirou de seu nome o sobrenome “Rego” e adicionou “Corcoroca”, palavra esta que é nome de um peixe abundante na costa catarinense e pelo qual ele tinha grande predileção. Esta é a explicação que obtive entre pessoas mais idosas da família, o que não me convenceu. Penso que houve outros motivos pessoais para essa sua atitude. A escolha do novo sobrenome até pode ter sido inspirada no nome do peixe, mas não que ele tenha deixado o sobrenome paterno por uma simples predileção pelo citado peixe. Também cada vez mais me convenço que o sobrenome “Souza Rego” soa muito mais forte, de raízes mais profundas e históricas, para ser trocado por “Corcoroca”. Enfim esse foi o sobrenome herdado pelo meu avô materno Alberto Jorge Corcoroca Freyesleben.

⁴ Em alguns documentos indexados na plataforma Family Search ela consta como “Párvula”, termo que a igreja católica usa para crianças que morrem sem ser batizada.

Coloquei-me a discorrer sobre o assunto do “Diretor que não falava a língua dos imigrantes” e não pelo sobrenome que passou a portar, mas que colhi algumas informações.

Em 06.02.1844, aos vinte e quatro anos de idade, quando ele foi padrinho do batismo de Joaquim e Felicidade Cascaes, seus sobrinhos gêmeos⁵, ainda portava o sobrenome “Souza Rego”; entretanto, mais tarde, em 20.09.1845⁶, por ocasião do batizado de outros dois gêmeos, com os mesmos nomes, irmãos dos primeiros falecidos, onde ele consta também como padrinho vamos encontrar seu nome alterado para “Corcoroca”.

Por ocasião do seu casamento, em 29.01.1842, já havia mudado o seu sobrenome. Porém no termo de casamento, em data anteriormente citada, não consta o sobrenome Corcoroca, apenas cita Joaquim José de Souza⁷. Então, estima-se que a troca ou alteração de parte de seu sobrenome do “Rego” para “Corcoroca” se dera na primeira metade da década de 1840.

No batismo de seus dois primeiros filhos Diogo (1842) e Joaquim José (1847), os pais constam como Joaquim José de Souza e Maria Angélica de Souza e a troca ou alteração aparece oficialmente no batismo do terceiro filho onde os pais já são “de Souza Corcoroca”. Porém esses dois filhos aparecem com o sobrenome Corcoroca.

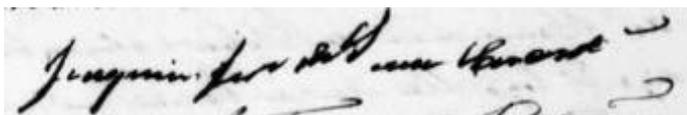


Fig. 3: Assinatura de Joaquim José de Souza Corcoroca. Fonte LC (1870/1891) Fl. 79 no casamento de sua filha Maria Carolina e José Brasilício de Souza.

Agrimensor

Segundo informações da imprensa da capital catarinense, em 06.01.1860, após ter sido nomeado pela Província, o agrimensor Joaquim José de Souza Corcoroca seguiu com cinco companheiros a fim de “escolher boas terras e localidades”, medi-las e demarcá-las para serem distribuídas aos colonos quando chegassem. (JOCHEM, 2002, p. 43).

Foi por aviso n. 17, de 30.06.1859, que Joaquim José de Souza Corcoroca fora nomeado “medidor de terras na Provincia de Santa Catarina” (BRUCH, 2022, p. 3). No Relatório apresentado ao Exmo. Vice-Presidente da Província de Santa Catarina o Dr. Esperidião de Barros Pimentel, pelo então Presidente o Dr. João José Coutinho, por ocasião de

⁵ Livro de Batismos da Matriz do Desterro (1843/1848), Fl. 33.

⁶ Livro de Batismos da Matriz do Desterro (1843/1848), Fl. 129.

⁷ Na obra de Laurentino Gomes “1822” (GOMES, 1822, p. 162) é citado que numa determinada fase da vida dos portugueses no Brasil muitos homens trocaram os seus sobrenomes para que não pudesse ser identificada a sua nacionalidade, por isso usaram nomes de árvores como Pereira, Macieira, de peixes como Robalo, até de árvores, como Pitangueira, Pereira... e por aí vai. Segue alguns exemplos: O padre de Alagoas, Antonio de Souza avisava que dali em diante seria conhecido como Pe. Antonio Cabra-Bode; O mestre Joaquim José da Silva passou a assinar Joaquim José da Silva Jacaré; o piloto José Caetano de Mendonça acrescentou Jararaca ao final de seu nome e José Maria Migués substituiu o Migués por Bentevi, todos portugueses chegados ao porto do Rio de Janeiro, vindos de Pernambuco. Quem sabe não foi esse o motivo de Joaquim José ter adotado essa prática. Seria uma moda da época? Seria uma mania dos pernambucanos? Mas Laurentino cita o ano de 1822 e ele fez a troca por volta de 1844.

passar-lhe a administração da mesma província em 28.12.1859, cita Corcoroca como medidor de terras na Colônia Santa Isabel:

O 2º. tenente honorário da Armada Joaquim José de Souza Corcoroca nomeado por Aviso Nº. 17 de 30 de junho deste ano [1859], medidor das terras nesta Província não seguio, como se lhe foi determinado para medir as terras, por não poder fazer o serviço sem escrevente e desenhador, que entendi não dever conceder-lhe, sem ordem do Excelentíssimo Ministro do Império a quem affectue o negócio, por Offício Nº. 33 de 23 de julho último, do qual ainda não recebi solução. Em virtude desse Aviso, mandei fazer e achão-se promptas em poder do Alferes Frederico Xavier de Souza, 40 enchadas, 40 foices, 40 machados e 40 ferros de cova. (Santa Catarina, 1859, p. 17 e Jornal O Argos, n. 515, de 08.11.1859, p. 2)

Desse modo veio a resposta do Ministério do Império, datada de 23.11.1859, publicada no Jornal O Cruzeiro do Sul, n. 156, p. 2:

Ao Major Alvim delegado do director geral das terras publicas – Remette para seu conhecimento e para que faça constar a Joaquim José de Souza Corcoroca encarregado da medição de lotes em seguimento á Colonia Santa Izabel – Cópia do Aviso do Ministerio do Imperio Nº. 41 expedido pela Repartição Geral das Terras Publicas em 26 do mez passado, autorisando a presidencia á dar áquelle ajudante com inteligência e precisa habilitação, arbitrando-lhe vencimento razoável; e mandando abonar ao referido Corcoroca desde a sua apresentação até que entrar em exercício metade do vencimento arbitrado pelo aviso de 30 de junho último sob o Nº. 30.

O mencionado Joaquim José de Souza "Corcoroca" trata-se de Joaquim José de Souza "Rego". Continuamos a buscar referências sobre sua vida profissional, como agrimensor. Sabe-se que ele também prestava serviços à Colônia Teresópolis:

Ao delegado de terras públicas – Nº. 31 – Enviando-lhe por copia a ordem que expedi a thesouraria para suprir a Joaquim José de Souza Corcoroca a quantia de 400\$reis comunico-lhe para os fins convenientes, que ordenei aquelle agrimensor, que partisse para o Cedro a continuar os trabalhos ali começados para a recepção dos colonos que se esperão. Segundo o mesmo jornal a localidade de Cedro fica em Theresópolis. (Jornal O Cruzeiro do Sul, fev. 1860, n. 183, p. 2)

As notícias divulgadas pelos jornais eram bastante atrasadas e por vezes tem-se dificuldade em saber quando os fatos aconteciam. O Jornal O Cruzeiro do Sul, n. 180, publicado em 19.01.1860, p. 2, nos informa:

Ao 2º. tenente honorário d'armada Joaquim José de Souza Corcoroca – Tendo de prosseguir-se nos trabalhos da preparação da localidade que foi escolhida junto á confluência dos rios Cedro e Cubatão para a fundação de uma colônia, e estando v. mc. Indicado por aviso de 30 de julho do anno findo para proceder a medição da área destinada a colônia e aos demais serviços, que estão recommendados pelo governo imperial, cumpre que v. mc. parta sem demora a tomar conta dos trabalhos ali começados, a fim de continual-os em conformidade com as instrucções juntas. Procurando entender-se com o alferes Frederico Xavier de Souza que está encarregado deste serviço, obterá as informações, que carecer, a respeito do es-

tado d'aquelles trabalhos, que a v. mc. incube continuar, communicando a esta presidência o dia em que der começo a eles. Nesta data ordeno á repartição competente que mande abonar a v. mc. A quantia de 400\$reis, que que devera dar contas a qual se destina ao pagamento das despesas autorizadas, e precisamente relativas ao serviço que tem de proceder na forma das instrucções referidas. Ao Alferes Frederico Xavier de Souza – Tendo ordenado ao 2º. Tenente D'armada Joaquim José de Souza Corcoroca que parta a tomar conta do serviço que se está fazendo na localidade destinada a nova colônia (...).

Para a tesouraria da presidência, o Sr. Presidente comunica:

Previno s v. s. para a sua intelligência, que os vencimentos que competem ao agrimensor só deverão ser contados por inteiro do dia que constar ter dado começo aos trabalhos d'aquella colonia, que lhe são indicados por esta presidência, o que tudo farei chegar oportunamente ao conhecimento de v. s. para os fins convenientes. (Jornal O Cruzeiro do Sul, n. 180, de 19.01.1860, p. 2)

Governo da Provincia – Expediente de outubro – Item Nº. 421 – Communica para sciencia da repartição que o 2º. Tenente Honorario d'Armada J.J. de Souza Corcoroca, encarregado pelo governo imperial para medir alguns lotes de terras para estabelecimentos dos colonos se apresentou á presidência no dia 10 de julho próximo passado; bem como que, tendo obtido em 22 de setembro ultimo um mês de licença sem vencimentos para ir a Provincia do Rio Grande do Sul, hoje se apresentou, renunciando o resto do tempo da licença. Do mesmo theor ao delegado do diretor de terras publicas nesta provincia. (Jornal O Cruzeiro do Sul, n. 180, de 19.01.1860, p. 2)

Tenente da Armada, Prático no vapor Tocantins e Comandante no vapor Imperador

Como militar ele ocupava o posto de 2º Tenente Honorário da Armada na Marinha brasileira e era capitão de um barco à vapor (BRUCH, 2022, p. 2).

*Eram considerados oficiais honorários os que prestaram serviços relevantes a Marinha do Brasil. A Marinha era denominada de Armada. Ele recebeu da Marinha a seguinte honraria: **Honras Militares**: Foi concedido o uso de farda de 2º. Tenente Ao Sr. Piloto Joaquim José de Souza Corcoroca, empregado da Companhia Brasileira de Paquetes. (Periódico Brasil Marítimo, 1858, ed. 006, de 23.10.1858, p. 46)*

No Jornal O Argos, 1857, Ed. 00218, f. 2, cita: Os 22 passageiros do Vapor Imperador em viagem do Rio Grande do Sul e Montevideo, incluindo o Vig. Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, sumamente agradecidos pelo asseio, prontidão e regularidade do serviço do mesmo vapor, como pela maneira delicada com que foram tratados pelo seu digno comandante Joaquim José de Souza Corcoroca e demais oficiais fazem uma nota de público agradecimento pelo referido Jornal.

No dia 29.11.1857, dava entrada no Porto do Desterro o Vapor Imperador com 4 dias e 6 horas de viagem, conduzindo malas a passageiros para esta cidade. (O Argos, 1857, Ed. 00218, p. 4).

Ainda encontro que “A Joaquim José de Souza Corcoroca, encarregado da medição de terras públicas nesta província e a ele foi concedido um mez de licença para seguir de prático no Vapor Tocantins aos portos do sul – Concedo sem vencimentos”. (Jornal O Cruzeiro do Sul, n. 150, de 02/10/1859, p. 1).

Ele foi para o Rio Grande do Sul no mês de agosto/setembro, lá nasceria seu segundo filho ao qual lhe colocou o seu nome como Joaquim José de Souza Corcoroca Filho, conforme certidão de batismo datada de 16.09.1847, como nascido em 22.08.1847, em anexos na sequência deste artigo, na parte de sua genealogia.

Também pediu licença, em fevereiro de 1860, por Requerimentos e despachos, o 2º. Tenente d’Armada Joaquim José de Souza Corcoroca, encarregado da medição das terras públicas nesta Província de um mês de licença para ir ao Rio de Janeiro para tratar de seus interesses. Que lhe foi concedido. (O Cruzeiro do Sul, n. 189, de 26.02.1860, p. 1).

Diretor da Colônia Santa Isabel

Passados 13 anos desde a fundação da Colônia Santa Isabel, só em 1860, é que o Governo Imperial determina a sua regulamentação e autoriza a sua ampliação, e institui o cargo de diretor indicando a Joaquim José de Souza Corcoroca como diretor da colônia, pois trazia no seu currículo habilidades de agrimensor já realizadas nessa região.

O Sr. Joaquim José de Souza Corcoroca foi nomeado pelo governo imperial diretor da Colônia Santa Isabel com o ordenado de 2:400\$000 e mais 1:800\$ para casa. “Esta colônia acha-se fundada a 13 anos⁸; e apenas no começo teve um inspector que foi o coronel Neves”. (Jornal O Cruzeiro do Sul, n. 45, de 15.08.1858, p. 2).

Em 01.08.1860, Joaquim José de Souza Corcoroca, foi nomeado pelo governo da Província (BRUCH, 2022, p. 3) e toma posse, aos 40 anos de idade, como o diretor da Colônia Santa Isabel. Esse militar de sangue e língua portuguesa, inicialmente teve dificuldades em entender “os que lá já estavam”, para estar à frente dos destinos da colônia.

Para efetuar a estruturação administrativa da Colônia Santa Isabel, havia a necessidade de



Fig. 4: Sr. Joaquim José de Souza Corcoroca (em pé) e possivelmente seu filho (sentado).. (Acervo: APESC).

⁸ A Colônia Santa Isabel foi fundada em 1847.

se fazer a demarcação e fazer observar a regulamentação do uso das terras e proceder à implantação da sede.

Segundo Jonas Bruch (2022, p. 2), sobre as primeiras famílias assentadas na Colônia Santa Isabel, cita que “algumas famílias ainda permaneciam em parcelas sem demarcação e regulamentação para o uso da terra, isso já havendo passado anos de sua chegada”. Tarefa de intermediação que coube ao diretor resolvê-la.

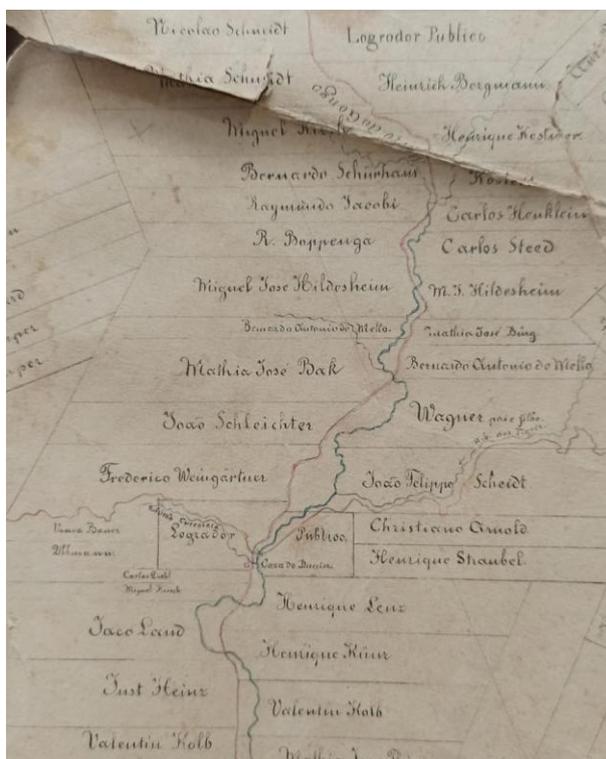
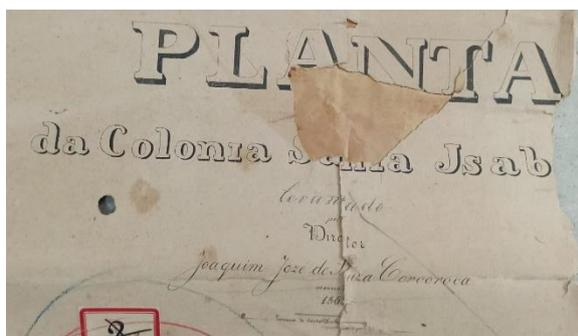


Fig. 5 e 6: Recortes da “Planta da Colonia Santa Isabel” elaborada pelo Diretor Joaquim José de Souza Corcoroca em 1863. (Cortesia de Jonas Bruch, 2024) [documento depositado no Arquivo da Secretaria de Agricultura de Santa Catarina – códice 119-06A]

Tudo me faz crer que o Diretor Corcoroca não foi residir com a família na Colônia Santa Isabel. Seus filhos deveriam estar em idade escolar, quando da sua ida para Santa Isabel, por essa maneira penso que ele usava a Casa da Direção para servir como local de trabalho e para lá ficar enquanto resolvia as questões da Colônia; receber os colonos para exporem seus problemas e até receber visitantes e autoridades. Até poderia receber a família na colônia para algumas datas especiais.

Segundo Jochem (1997, p. 92, é observada a existência da residência para o diretor:

com a regulamentação da Colônia estabeleceu a criação de sua freguesia, numa área de 400 braças, que havia sido destinada para logradouro público. Lá foi construída a Casa da Direção, para cuja obra o Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, através da Diretoria das Terras Públicas e Colonização concedeu a quantia de 550\$000 réis, em 10 de outubro de 1861.

Além das funções administrativas como Diretor da Colônia Santa Isabel, Corcoroca também teve interação na vida social dos colonos, sendo padrinho de alguns batizados e o primeiro deles que se tem registro foi no dia 29.01.1862 de **Heinrich Joachim**, nascido

em 11.12.1861⁹. Outros batismos também foram encontrados no Livro de Batizados de Teresópolis (1862/1876)¹⁰, como os de:

August, nascido em 23.03.1862¹¹.

Josefina Maria, nascida em 07.02.1861¹², **August**, nascido em 22.02.1863¹³, **Maria**, nascida em 01.07.1863¹⁴ e **Joaquim**, nascido em 06.06.1863¹⁵.

Como citei no início desse trabalho, Corcoroca sendo figura de destaque na Província de Santa Catarina teve suas honrarias, mas também sofreu alguns ataques políticos e perseguições.

Segundo Jochem (2004) no seu website onde aborda a imigração alemã, intitulado "Imigração Alemã" na parte que aborda a Colônia Teresópolis cita que:

Em dezembro de 1865 o Governo Imperial determinou a unificação administrativa da colônia Teresópolis com a de Santa Isabel ocasião em que exonerou o diretor dessa última e incumbiu a administração de ambas a Theodor Todeschini.

Segundo relatos de escritores e historiadores catarinenses, o diretor Corcoroca, não foi muito bem aceito por pessoas influentes na Província, pois achavam que ele não conseguiria se comunicar com os imigrantes já que não falava alemão. Entendemos o quanto era difícil a sua comunicação. Tanto para ele como para os imigrantes alemães, principalmente por parte deles. Para muitos, sua nomeação se deveu a uma "especial proteção", do Presidente da Província para com ele, mas, causou a estranheza também junto aos imigrantes, já que ele não era conhecedor da língua deles.

Entretanto segundo o historiador Toni Jochem em sua obra "A Epopeia de uma Imigração" (1997, p. 92), cita que *"tal fato não inviabilizou, em absoluto, seu contato verbal*

⁹ Heinrich Joachim, nascido em 11.12.1861, filho de Karl Haag e Christine Winkler Haag, onde foram padrinhos além do Sr. Corcoroca, os Srs. Valentim Kolb e o Sr. Lentz. O celebrante foi o Pastor Carl Wagner na Paróquia Evangélica de Santa Isabel. LB (1862/1876) Livro de Registros de Batismo da Paróquia Evangélica Luterana de Santa Isabel.

¹⁰ O primeiro livro digitalizado pelo Family Search, site da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Santos Dias, conhecida pela Igreja dos Mórmons.

¹¹ August, nascido em 23.03.1862, filho de Theodor Heming e Maria Lengeling, neto paterno de John G. Heming e Johanna Schwering e materno de Casp Max Lengeling e Elise Themmes tendo como padrinhos Joaquim José de Souza e Maria Rosa de Jesus, batizado em 14.04.1862, na capela de S. Isabel, pelo Pe. Röer. LB Teresópolis (1862/1876), Fl. 02, N. 7.

¹² Josefina Maria, nascida em 07.02.1861, filha de Theodor Todeschini e Guilhermina Rodakowska, neta paterna de Peter Paul Todeschini e Carolina Reischersdorfer e materno de João Rodakowska e Maria Ürmeny tendo como padrinhos Joaquim José de Souza Corcoroca e Anna Corcoroca, batizada na Capela de Teresópolis em 06.07.1862 pelo Pe. Röer. LB Teresópolis, Fl. 03, N. 18. Obs.: A madrinha é Anna Joaquina, irmã de Joaquim José (adendo meu).

¹³ August, nascido em 22.02.1863, filho de Gerben Blau e Elisabeth Bachens, neto paterno de Lirpke Blau e Anna Heimans e materno Mathias Bachems e Margaretha Peters sendo padrinhos Joaquim José de Souza Corcoroca e Cath. Schmidt, batizado em 19.04.1863, na Capela de S. Isabel, pelo mesmo Padre citado anteriormente. LB (1862/1876), Fl. 9, N. 82.

¹⁴ Maria, nascida em 01.07.1863, filha de Nikolaus Greisch e Susana Wild, neta paterna de Peter Greisch e Cath. Schneider e materna de Franz Wild e Marg. Mayeres, batizada na Capela de Vargem Grande, em 31.08.1863, sendo padrinhos: Joaquim José de Souza Corcoroca e Maria Wild. Pelo Padre Röer LB (1862/1876), Fl. 18, N. 111.

¹⁵ Joaquim, nascido em 06.06.1863, filho de Nikolaus Schmidt e Cath. Scherer, batizado em 11.09.1863 na Capela de Santa Isabel, pelo P. Röer, neto paterno de Jakob Schmidt e Cath. E materno de Peter Scherer e Elisabeth. Padrinhos: Joaquim José de Souza Corcoroca e Anna Loch. LB (1862/1876,) Fl. 13, N. 122.

com os imigrantes, considerando que muitos deles o compreendiam e, ainda que precariamente, se expressavam na língua portuguesa”.

Se atualmente nos causa perplexidade ao pensarmos dessa mesma forma também precisamos compreender que a pessoa indicada para esse cargo deveria ter algumas habilidades para enfrentar todos os problemas que viriam com a implantação administrativa da colônia. Além da língua, que o diferenciava dos colonos, assim denominados os imigrantes que ali foram assentados, havia uma parcela significativa dos imigrantes que professava a religião Protestante. Joaquim José de Souza Corcoroca era católico, pois pelo seu batismo, seu casamento e pelo nascimento dos filhos tudo está assentado nos livros eclesiásticos católicos. Como sabemos cada grupo de imigrante, pela sua confissão religiosa necessitava de ter o seu lugar próprio, para suas orações.

Os tempos eram difíceis para os que chegavam à nova “Pátria”, mas também para quem os representasse e comandasse.

Os terrenos escolhidos não eram locais de fácil acesso. Estava a colônia Santa Isabel localizada entre o litoral e o planalto, onde havia por vezes a “presença indígena”, que fora sendo empurrada, cada vez mais para longe do seu habitat; havia o medo constante dos bugres, assim denominados, nessa época, por suas investidas feitas. Os terrenos precisavam ser desbravados com a derrubada da mata nativa para abrigar novos colonos. Com isso os trabalhos a serem desenvolvidos não eram poucos. Muitas providências a serem tomadas pelo diretor da colônia. Por isso teria ele que ser uma pessoa com conhecimento, fibra e dinamismo por certo pensou o Presidente da Província, que o indicou.

Sobre a “presença indígena” em Morro Chato, da Colônia Santa Isabel, cito:

Registro de correspondência de Vicente Pires da Motta, Presidente da Província, para o Diretor da Colônia Santa Isabel, atestando a presença indígena na região e faz comunicado que ordenou o seguimento sem demora para essa colônia, de uma escolta de dez Praças, comandada por um inferior, os quais com os que ali se acham, para afugentar os gentios (Bugres), e pôr em segurança e tranquilidade os colonos estabelecidos no lugar denominado Morro Chato. Palácio do Governo de Santa Catharina, 20 de setembro de 1862. p. 23v/24. Palácio do Governo de Santa Catharina, 20 de setembro de 1862. p. 23v/24. Fonte: Arquivo Público de SC. Correspondências do Pres. Província e diretores das Colônias.

Mas qual a função do diretor da Colônia Santa Isabel? Sobre essas funções não encontramos um documento que especifique o que lhe foi atribuído fazer. Entretanto, segundo Rosane Neumamm (Revista História Regional, Rio Grande, RS. 2018, p. 199/201), ao diretor da colônia, em se tratando das colônias alemãs no sul do Brasil, cabe:

O diretor: *este é o personagem central da colônia, responsável pela sua administração e o intermediário direto entre os colonos e o governo, nas colônias públicas; e nas colônias particulares, entre os colonos e a empresa de colonização; os colonos e o representante da colonizadora frente ao Estado (Província, adendo meu) e*

em se tratando de imigrantes, o consulado. Cabe ainda ao diretor organizar o cotidiano da colônia, resolver as pendências com/e entre os colonos, apaziguar conflitos familiares, atritos entre vizinhos; resolver questões de divisas e medições das terras, negociar dívidas, responder processos judiciais, contratar ou demitir pastor, padre, professor, médico, agrimensor; equilibrar os interesses da empresa de colonização ou do Estado com as demandas dos colonos.

Enfim as tarefas atribuídas ao diretor eram múltiplas, mas em síntese, consistiam em manter e restabelecer a ordem, visando o bom andamento da implantação da colônia e o seu desenvolvimento. Ocupar a função de diretor, por outro lado, representava status social, pois lhe concedia uma posição de poder, ampliava os seus espaços de circulação e suas redes sociais. Conhecer as leis, os contratos de compra e venda de terras, intermediar a venda da produção, negociar com as autoridades governamentais, colocava-o em uma situação chave na colônia.

O prestígio e as redes sociais tecidas extrapolavam os limites da colônia e o nome do diretor tornava-se referência ou mesmo nomeava o projeto da colônia. O diretor e seu papel na colônia ainda é uma temática pouco tratada pela historiografia. Nos estudos gerais, o diretor é apresentado como mais um sujeito na colônia por vezes, enaltecido, outras apontado como o responsável pelos problemas da colônia e dos colonos e outras ainda, como um elemento corrupto, que desvia recursos, realiza a venda de terras sem documentação, atrasa a medição dos lotes, superfatura transações de terras, dentre outros.

Nesse seu trabalho publicado em revista, Rosane Neumamm dá a entender ao leitor de que cada colônia tinha a sua identidade própria e com perfis diferentes, por isso mesmo cada diretor tinha diferentes questões a resolver no seu dia a dia e na sua administração.

Buscando sempre novos subsídios para compor um histórico para o diretor Joaquim José de Souza Corcoroca para o qual me dispus a escrever, tenho encontrado muitos documentos digitalizados que abordam assuntos sobre o diretor e a Colônia Santa Isabel.

É no relatório, apresentado ao Exmo. Presidente da Província de Santa Catharina, o Capitão tenente Pedro Leitão da Cunha, pelo Vice-Presidente o Comendador João José de Souza Coutinho, por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província, em 26.12.1862, que encontro a sua opinião sobre a atuação de Corcoroca:

Sobre Santa Isabel cita: Visitando esta colônia ocupei-me em percorrer os estabelecimentos de um e do outro lado da 1ª. Linha (reconhecida como tal a estrada que conduz a Lages e os caminhos vicinaes da 2ª. Linha e parte das da 3ª., que bastou-me para formar idéa desfavorável do resto desta e das outras Linhas até a ultima.

De passagem, notei ao Director Joaquim José de Souza Corcoroca a estreiteza e defeitos que fui observando em muitos lugares d'estes caminhos e se má encontrei a parte percorrida da 3ª. Linha, péssimos devem ter sido feitos os das outras Linhas, por quanto, se os próximos da sua residência e da ação de seu zelo como digo, como se não acharão os mais longínquos, confiada sua factura á jornal aos colonos sem vigia ou assistência de um administrador? (...). A casa da direção ou de moradia do diretor, além de ser construída sem mor liquidez e de ruim gosto, está situada em péssimo lugar, de mau aspecto, entre morros, isolada e á grande distancia da

entrada da colônia, onde já existe princípio de arraial, em paragem amena e aprazível. Sinto profundamente por mais de uma razão dizer a V. Exc. Que tudo me desagradou nessa colônia. Assinado em 23 de Dezembro de 1863, na Cidade de Desterro (Santa Catarina, 1863, p. 13).

O Vice-Presidente da Província João José de Sousa Coutinho visitando a Colônia Santa Isabel concluiu que o Diretor Corcoroca havia distribuído os lotes aos imigrantes em terrenos inférteis, e que isto iria comprometer o bom desenvolvimento da Colônia. Ele registrou suas impressões em relatório que apresentou ao governo Imperial. Nele o Vice-Presidente procura mostrar com toda a sua veemência a falta de zelo e a incapacidade de dirigir a Colônia, o que acarretou a Joaquim José, grandes dificuldades de continuar sua administração. Ainda o acusou de improbidade administrativa, afirmando o vice-presidente que o Diretor Corcoroca havia praticado atos que pressupõem infidelidade e malversação do dinheiro público.

Pelo relatório acima citado o Sr. Corcoroca não teve seu trabalho reconhecido como satisfatório. Muitos questionamentos foram colocados nos relatórios, assim também como existiram diversos comentários a seu respeito que desmereciam o seu trabalho como diretor responsável pela implantação e prosperidade da Colônia.

Corcoroca ao saber do referido relatório tentou demonstrar a sua inocência, em carta que datou em 28.11.1862, dirigida ao Presidente da Província:

Existe nesta Colônia um antigo taberneiro de nome (J.P.S.)¹⁶ o qual declarou-se meu inimigo por eu cumprir meus exatos deveres, informando ao Governo desta Província, bem como, por me ser ordenado pela mesma Presidência, em meados do corrente ano, a criação da Freguesia desta Colônia nas 400 braças de terras do Estado onde se acha a Casa da Direção, pois queria, forçosamente, este colono, fosse destinado o lugar em terrenos seus onde se acha a casa de sua residência. Por todas essas circunstâncias resolveu este colono a falar contra mim onde se acha, e aproveitou a ocasião da visita do Exmo. Sr. Vice-Presidente a esta Colônia, para dizer-lhe, ensinado pelo seu velho (...ilegível) Frederico Xavier de Sousa, o qual ambiciona o meu lugar, que eu, Diretor, estava fazendo negócios com as casas provisórias de Colonos, e que fazia os colonos assinarem contas e recibos em papel em branco, e que tinha eu construído uma olaria com dinheiro do Estado e já vendido; finalmente disse mais que a Colônia se achava em completo abandono, e que nada tinha eu feito, e que os colonos se acham muito descontentes, por isso que tinha feito estes assinarem enganados, uma felicitação ao Governo Imperial e um elogio a mim Diretor, fazendo-os persuadir que era para uma igreja, e que assim assinaram enganados (...).¹⁷

Entretanto como conhecedor das terras ele iniciou a abertura de novas linhas que davam aos novos imigrantes que chegavam, mais eficiência para efetuarem as lavouras que teriam que empreender para a subsistência de suas famílias.

¹⁶ J.P.S. = Johann Philipp Scheidt.

¹⁷ Fonte: Arquivo Público de SC, 1862/1870, Correspondências diversas ao Pres. Província de SC

Segundo o autor Jacintho Antonio de Mattos, engenheiro agrônomo e inspetor agrícola, é narrado um fato que poderá ser uma das causas de “sabotagem” aos trabalhos implantados pelo diretor, como cita (1917, p. 107):

Outra causa de dissídio vinha a ser que os primeiros colonos que em 1847 estabeleceram-se na colônia sem direção, escolheram para a sede uma localidade que ficava próximo do ponto em que o Rio dos Bugres atravessava a estrada e distante $\frac{3}{4}$ de légua da que foi estabelecida posteriormente. Ahi se estabeleceram alguns colonos, já possuidores de bens de fortuna e viviam em constante rivalidade com o Director, cuja autoridade se negavam a reconhecer. Desejosos de atrahir para o local os demais colonos, edificaram, contra as ordens da presidencia, nesse antigo arraial, uma casa de oração protestante e perto dela a residência do pastor, para a qual o Governo concorreu com algumas somas, e por esse meio deram importância ao local em que residiam e onde possuíam casas de negocio.

Da nomeação em 1860 ele ficou no cargo até 15.12.1865, portando esteve como diretor por cinco anos e quatro meses, quando foi exonerado, por problemas político-administrativos. Presumimos que ele teve uma parcela grande de contribuição para o desenvolvimento da colônia. Foi seu substituto o Sr. Theodor Todeschini, seu compadre¹⁸.

Sabe-se também que o taberneiro a que se refere o Diretor Corcoroca era o imigrante Johann Philipp Scheidt por certo seu maior rival na administração da Colônia (BRUCH, 2022, p. 8).

Ele se incluía junto com os primeiros imigrantes ali assentados e conseguiu um bom status de vida. Era ele quem fazia contatos entre os colonos e as autoridades provinciais porque ainda não havia diretor. Por certo pensara que na “hora” de regulamentar essa colônia seria ele, o indicado para o cargo.

Outras investigações foram feitas durante a administração de Corcoroca, provadas pelo documento ora listado sob o n. 145 do Inventário Analítico¹⁹ dos registros das correspondências da Presidência da Província para as Câmaras Municipais (1863/1867), com o registro de Alexandre Rodrigues da Silva Chaves para a Câmara Municipal de São José, solicitando que essa mesma Câmara informe sobre o requerimento de compra de terras de Joaquim José de Souza Corcoroca. Esse documento é datado e locado como sendo de Desterro, 24.05.1864, p. 43v.

Após tantos relatórios e acusações de má conservação da colônia, Joaquim José de Souza Corcoroca passa a ser visto mesmo como um mau administrador. Por isso sofreu sansões e interrupções no serviço público na colônia. Foi afastado de suas funções de Diretor da Colônia por exoneração do Governo da Província de Santa Catarina em dezembro de 1865. Exerceu o cargo de Diretor da Colônia Santa Isabel no período de 01.08.1860 a 15.12.1865. Muitas pessoas cobiçavam o seu posto de diretor. Afinal era um cargo de peso na vida administrativa e social da Província de Santa Catarina.

¹⁸ Por que eram compadres? Porque Corcoroca batizara Josefina Maria, nascida em 07.02.1861, filha de Theodor Todeschini e Guilhermina Rodakowska.

¹⁹ Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Vol. 6, Caixa 74.

Diretor da Colônia Nacional Angelina

Mas sabemos que ele foi afastado de Santa Isabel por improbidade administrativa e levado a um processo para imputar-lhe a penalidade que o achavam com direito a receber. Mas para espanto de muitos, depois de concluída a devassa sobre sua administração, que durou alguns anos, ele foi elevado ao cargo de Diretor de outra Colônia, ou seja, da Colônia Nacional Angelina, assim denominada em homenagem ao Pres. do Conselho de Ministros Ângelo da Silva Ferraz. Lá ele permaneceu de 19.06.1869 a 22.11.1873, portanto administrou a colônia por 3 anos, 5 meses e 3 dias (PIAZZA, 1973, p. 240).

A Colônia Nacional Angelina foi fundada por Aviso do Ministério do Império datado de 30.11.1859 (MATTOS, 1917, p. 80). Ela abrigaria colonos nacionais, diferentemente das outras criadas para abrigar imigrantes alemães. Entretanto a sua instalação só se deu em 10.12.1860, quando foram baixadas as instruções para a sua administração. O lugar escolhido já se chamava Mundéus e ficava localizada num triângulo formado pelos Rios Garcia, o Ribeirão Mundéus e o Rio Tijucas, e fundos da colônia São Pedro de Alcântara.

O Presidente da Província Francisco Carlos de Araújo Brusque nomeou para ser o seu primeiro diretor o agrimensor Carlos Otto Schlappall (MATTOS, 1917, p. 80). Foi nesta nova colônia que Joaquim José de Souza Corcoroca foi ser seu diretor e só se afastou de lá por problemas de saúde.

Segue o seu Termo de Juramento de Posse no cargo de Diretor da Colônia Nacional Angelina:

Termo de Juramento que prestam o cidadão Joaquim José de Souza Corcoroca – nomeado Diretor da Colônia Nacional Angelina – Aos vinte e hum dias do mez de junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e nove, nesta cidade do Desterro, Capital da Provincia de Santa Catharina, em uma das salas do Palácio da Presidência onde se achava o Excelentíssimo Senhor Presidente Doutor Carlos Augusto Ferraz de Abreo, compareceo o cidadão Joaquim José de Souza Corcoroca, nomeado por acto de dezenove do corrente para exercer o cargo de Diretor da Colônia Nacional Angelina afim de prestar o devido juramento do referido cargo, o qual lhe sendo deferido pelo mesmo Excelentíssimo Senhor Presidente. E em um Livro dos Santos Evangelhos em que poz sua mão direita, disse elle se obrigar a bem cumprir os deveres d'aquelle cargo. E para constar mandou o Excelentíssimo Senhor Presidente lavrar este Termo que assignam com o juramentado. Eu, Secretário do Governo da Provincia de Santa Catharina o subscrevi. João Cesario dos Santos. (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, 1793/1900, v 1, Livro de Indice Onomástico "Termos de Juramento" – 1791/1900)

Exonerado conforme citação: “A 22 de Novembro de 1872 foi exonerado do cargo de diretor Joaquim José de Souza Corcoroca que exercia essa função desde 19 de junho de 1869. Para substituí-lo o comendador Gaspar Xavier Neves.” (PIAZZA, 1973, p. 50)

Informações Genealógicas

Manoel “de Souza do Rego” e Anna Francisca da Conceição são meus quintos avós maternos. Ele é considerado brasileiro, nordestino e migrado para a Vila de Nossa Senhora do Desterro por volta de 1775/1777. Ela é natural da Vila de São Miguel da Terra Firme, filha de imigrantes açorianos.

Por esse motivo vou iniciar aqui essa descendência colocando-o como filho F1, o único, já que não encontrei por falta de documentos em Pernambuco, outros filhos para o casal João Antonio do Rego e Innocencia Francisca de Souza.

O casal Manoel de Souza do Rego e Anna Francisca da Conceição teve 4 filhos, a saber: Leonor Francisca da Conceição, Vicente de Souza Rego, Francisco Joaquim de Souza Rego João José de Souza Rego.

Como irei iniciar a genealogia de Joaquim José de Souza Rego preciso explicar as siglas e numerações usadas a partir de agora²⁰.

Com a data de 23.11.1810, encontrei num assentamento de batismo os nomes de **Manoel de Souza do Rego e Anna Francisca** como padrinhos de Guilhermina Arzão, filha de José Dias Arzão (família importante nos primeiros tempos de fundação da Villa do Rio de São Francisco) e Leonor Francisca (desta Villa de N. Sra. do Desterro), conforme o LB 12, Fl. 136 (1810). A dita Guilhermina era filha de sua filha Leonor Francisca do seu segundo matrimônio.

Manoel faleceu em 25.07.1805, casado com Anna Francisca com quem teve 4 filhos, com 55 anos de idade, não deixou testamento e foi sepultado na Igreja Matriz de Desterro na Cova do Santíssimo assina esse documento o Coad. Joaquim de Santa Anna Campos, conforme o LO (1804/1816), da Matriz da Vila do Desterro, Fl. 13.

Manoel de Souza do Rego e Anna Francisca da Conceição tiveram, na Vila de Nossa Senhora do Desterro, 4 filhos: 1 – Leonor Francisca da Conceição; 2 – Vicente de Souza Rego; 3 – Francisco Joaquim de Souza Rego; e 4 – João José de Souza Rego.

Aqui discorro sobre eles e seus descendentes:

1. Leonor Francisca da Conceição nasceu na Freguesia de São Miguel da Terra Firme. Dela só encontrei documentos de casamento. Ela se casou em primeiras núpcias, no dia 11.08.1806, com Marcelino José Martins, na Matriz de Nossa Senhora do Desterro (LC 4 1798/1809, fl. 150v).

Leonor Francisca é mãe de:

1.1 Theodorinda da Conceição, batizada na Matriz de N. Sra. do Desterro em 05.05.1807 (LB 12 1802/1820, fl. 75).

Conforme documento de óbito datado de 19.11.1807, assinado pelo Vig. Joaquim de Santa Anna Campos consta que ele recebeu uma certidão de óbito do Reverendo Capelão da Armação da Lagoinha Manoel da Conceição Salgado afirmando que o corpo de Marcelino José Martins fora sepultado no cemitério da referida Armação por ter morrido afogado naquela praia e afirma

²⁰ Para nomear os locais de referência de onde coletei os dados preciso salientar que foram pesquisados nas fontes primárias (livros paroquiais) presencialmente, há muitos anos, e depois pelo site do Family Search (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias). Usei LB para livros de batismo, LC para livros de casamento e LO para livros de óbitos. Todos eles eclesiásticos. Quando a pesquisa foi feita nos registros civis, ou sejam nos livros dos cartórios: LRC para registros de pessoas naturais, LCRC para casamentos civis e LORC para os registros de óbitos em documentos cartoriais. Esses documentos aqui apresentados foram encontrados nos Arquivos Eclesiásticos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no Site do Family Search digitalizados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias, pertencentes aos Mórmons. Quando não consegui visualizar o N.º. da Página do livro em uso, inseri o número da imagem apresentada como FS. Imagem N.º (FamilySearch). Também usarei a grafia da época, sem correções ou atualizações.

que ele era casado com Leonor Francisca da Conceição da qual tivera uma filha (LO (1804/1816), Fl. 52v, da Matriz de Desterro).

A segunda filha, de Leonor Francisca de nome Alexandrina consta como filha natural dela por ser a mãe considerada viúva.

1.2 Alexandrina da Conceição filha natural de Leonor Francisca foi batizada na Matriz de N. Sra. do Desterro em 07.03.1809 (LB 12 1802/1820, Fl. 105).

Alexandrina filha de José Dias Arzão e Leonor Francisca faleceu em 17.02.1819, de "Cambras", aos dez anos de idade, foi encomendada e sepultada na Igreja, conforme LO (1816/1830), Imagem 37, do FS. Assinou seu termo de óbito o Vig. José Maria de Sá Rebello. Alexandrina que se batizara por filha natural de Leonor Francisca, é sepultada como filha de José Dias de Arzão e Leonor Francisca.

Em segundas núpcias, Leonor Francisca se casou com José Dias Arzão, da Vila de São Francisco, em 10.06.1810, na Matriz de N. Sra. do Desterro, conforme LC 5 (1809/1839), Fl. 6:

Leonor, viúva que ficou de seu primeiro marido Marcelino José Martins se casou com José Dias Arzão na Matriz de N. Sra. do Desterro e foi celebrante o Vig. José Maria de Sá Rebello, com as testemunhas de João Alvares da Costa Soares e José Ignácio Pires.

Desse segundo casamento Leonor Francisca teve mais outra filha:

1.3 Guilhermina Dias Arzão nascida em 05.11.1810 e batizada na Matriz do Desterro em 23.11.1810 (LB 12 1802/1820, Fl. 136).

2. Vicente de Souza Rêgo o segundo filho de Manoel e Anna Francisca foi batizado na Matriz de N. Sra. do Desterro, conforme o LB 10 (1793/1797), Fl. 156v:

Vicente faleceu aos oito anos de idade, nesta Vila do Desterro, de "emorragia do sangue"; foi encomendado e sepultado na Capela do Menino Deus, de acordo com o LO 2 (1799/1804), Fl. 230v, como consta no documento assinado pelo Coad. Joaquim de Santa Anna Campos.

3. Francisco Joaquim de Souza Rego nasceu em 18.08.1799, e foi batizado na Matriz de Desterro aos 24.08.1799 (LB 11 1797/1802, fl. 123).

Francisco se casou com Maria Antonia, natural da Enseada das Garoupas, em 29.05. 1824, na Igreja Matriz da Villa de Nossa Senhora do Desterro (LC 1809/1839, Fl. 166).

Não encontrei descendentes de Francisco Joaquim e Maria Antônia. Como também a filiação de Maria Antonia para comprovar esse parentesco em terceiro grau de consanguinidade.

4. João José de Souza Rego nasceu na Vila de N. Sra. do Desterro, por volta do ano de 1800, porém não encontrei seu termo de batismo. Ele se casou com Ellena Rosa de Jesus, documento de batismo também não encontrado, filha de Matheus Francisco Nunes e Marcellina Rosa, conforme o LC 5 (1809/1839), Fl. 100v:

Encontrei o nome da nubente também com a grafia de Helena Rosa ou Ilena Rosa.

João José e Ellena Rosa tiveram nove filhos, a saber: José, **Joaquim José de Souza Rego (Corcoroca)**, Geremias, Maria Joaquina, Hisbina, Ignacia, Balduina, Anna Joaquina e Ludovino.

4.1 José de Souza Rego que foi batizado na Igreja Matriz da Villa de Nossa Senhora do Desterro, de acordo com o LB 12 (1802/1820), Fl. 267v:

José foi considerado filho natural porque seus pais não eram casados oficialmente. Eles se casaram quando José tinha dois meses de vida. José se casou com Feliciano Maria da Conceição filha de Floriano de Espindola e Josefa Maria da Conceição, às 16h, na Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, conforme o LC 10 (1850/1853), Fl. 12.

José faleceu aos 42 anos de idade, conforme o LO (1860/1863), Fl. 20, em 15.09.1861, na Vila de Desterro.

José e Felicianna tiveram um filho: Joaquim.

4.1.1 Joaquim de Souza Rego nasceu na Freguesia da Santíssima Trindade, e foi batizado "in articulo mortis", em 15.05.1851 (LB (1841/1865), Fl. 94v).

4.2 JOAQUIM JOSÉ DE SOUZA REGO nasceu na Vila de Desterro, em 05.04.1820. Joaquim José nascido Souza Rego foi batizado aos 11 dias de vida, conforme o LB12 (1802/1820) Fl. 295v:

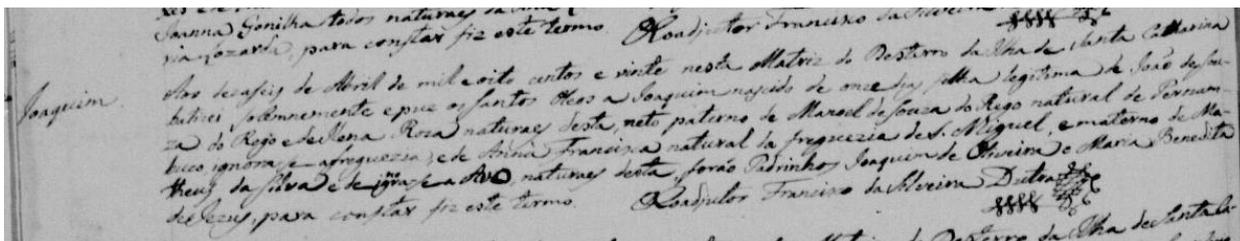


Fig. 7: Registro de batismo de Joaquim José de Souza Rego. Fonte: Livro Batismo (1802/1820) Fl. 295, da Igreja Matriz de Desterro.

Aos dezasseis de abril de mil oito centos e vinte nesta Matriz de Desterro da Ilha de Santa Catharina baptizei solemnemente e puz os Santos Oleos a Joaquim nascido em onze dias filho legitimo de João de Souza Rego e Ilena Rosa de Jesus naturais desta, neto paterno de Manoel de Souza Rego natural de Pernambuco, ignora-se a Freguezia e Anna Francisca da Conceição, natural da freguezia de S. Miguel e materno de Matheus Francisco e Marcellina Rosa, naturais desta. Forão Padrinhos Joaquim de Oliveira e Maria Benedicta de Jesus, para constar fiz este termo. O Coadjutor Francisco da Silveira Dutra.

Joaquim José de Souza Rego, o Diretor Corcoroca, era o segundo filho dentre os seis, do casal João de Souza Rego e Ilena Rosa.

Casou-se com Angélica Maria dos Santos em 29.01.1842, na Igreja Matriz Nossa Senhor do Desterro (LC 7 1839/1844, fl. 53v.). O casal teve seis filhos:

4.2.1 Diogo de Souza Corcoroca nasceu em 12.10.1842. Diogo foi batizado na Igreja Matriz de N. Sra. do Desterro, conforme o LB 15 (1837/1842), Fl. 165:

Diogo foi batizado na Igreja Matriz de N. Sra. do Desterro: Aos des dias do mes de dezembro nesta Matriz de Desterro da Ilha de Santa Catharina Baptizei e pus os Santos Oleos a Diogo nascido a doze de outubro deste anno filho legitimo Joaquim José de Souza e D. Maria Angélica da Silva. Avos Paternos João de Souza e Elena Rosa e Avos Maternos Feliciano dos Sanctos e Angelica Maria naturaes desta Cidade. Forão Padrinhos José Ramos da Silva e N. Sra. das Dores. E para constar mandei fazer este termo que assignei. Pe. Antônio Augusto d'Assumpção e Souza.

Não encontrei mais nenhuma referência sobre Diogo.

4.2.2 Joaquim José de Souza Corcoroca Filho nasceu e foi batizado em 1847 na cidade de Rio Grande/RS. Joaquim José de Souza Filho nasceu em 22.08.1847, na Cidade de Rio Grande, e foi batizado na Matriz da mencionada cidade:

Aos dezasseis de setembro de mil oitocentos e quarenta e sete nesta Matriz de Rio Grande baptizei solemnemente a Joaquim, branco, filho legitimo de Joaquim José

de Souza e Maria Angélica de Souza; neto Paterno de João de Souza do Rego e de Ellena Rosa de Jesus e Materno de Felicianno dos Sanctos e Silva e Maria Angelica da Silva nasceo a vinte e dous de Agosto do corrente anno. Forão Padrinhos Bernardino Gomarim Filho, viuvo com ... (ilegível) por Madrinha. Para constar fiz o presente que asignei. O Par. Francisco de Paula Baptista. LB (1839/1851), Fl. 167.

Como histórico de sua vida, o Jornal O Argos, de 25.12.1860, n. 645, a p. 2, cita:

Quinta-feira, 20 de corrente teve lugar no Lyceo Provincial a distribuição de premios aos alunos, que mais se avantajarão nas matérias do anno lectivo, por seu talento e assiduidade, achando-se presente os Exms. Srs. Presidente da Provincia, Dr. Chefe de Policia, Dr. Juiz de Direito da Comarca e muitas outras pessoas gradas do lugar, que encherão a maior sala do Lyceo. S. Ex. comparecendo ás 5 horas da tarde, hora designada para o acto... e na lista dos alunos premiados na terceira classe entre os cinco premiados constava Joaquim de Souza Corcoroca. (Jornal o Argos, 25.12.1860, n. 645, p. 2).

Joaquim José Filho se casou com Clara Auguste Wilhelmine Wendeburg na cidade de Blumenau/SC, em 02.07.1877, ela nascida em 03.04.1860:

Aos 02 junho de 1877, em a casa de residência dos pais da noiva na cidade de Blumenau sem outro impedimento do que a de Religião Mixta de que requereram e obtiveram dispensa por Provisão de quatorze de Abril do corrente anno com palavras de presente e mutuo consentimento na forma dos Matrimonios Mixtos em minha presença e das testemunhas do Dr. João Maria de Almeida Portugal e Dr. Hermann Blumenau, ambos moradores desta colônia e conhecidos por mim receberam-se em Matrimonio Joaquim de Souza Corcoroca, cathólico, com Clara Wendeburg, luterana, elle filho legítimo de Joaquim José de Souza Corcoroca e Maria Angelica dos Santos, nascido e batizado na cidade de Rio Grande, Província de São Pedro de Rio Grande do Sul, morador desta Colônia, de idade de 29 anos, ela filha legítima de Hermann Wendeburg e Jenny Herbst, nascida e batizada nesta colônia, onde mora, de idade de 17 anos. Pe. José Maria Jacobs. LC (1870/1880), Fl. 040, N. 19, da Matriz São Paulo Apóstolo.

Sobre os pais de Clara Auguste Wilhelmine foi encontrado:

*Hermann Wendeburg, 31 anos, nascido em Förste, Cavaleiro da Ordem da Rosa, filho de Wilhelm Wendeburg e Elise n. Hölmann, se casou aos 08.11.1857 com Jenny Herbst, 22 anos, de Goldberg, filha de August Herbst e Auguste nascida Rös-sel. Hermann faleceu aos 13.01.1881. Ele teve os seguintes filhos: Paul Eberhard Hermann Wendeburg *17.02.1857; Clara Auguste Wilhelmine Wendeburg * 03.04.1860; Edith Julie Emmy Wendeburg *02.08.1863; Anna Eugenie Alma Wendeburg *05.03.1867; Herman Oswald Wilhelm Wendeburg * 01.07.1870 (DAY, Blogspot, 2008). Hermann Wendeburg foi grande auxiliar de Fritz Müller na Colônia Blumenau.*

Sobre seu pai Joaquim José de Souza Corcoroca, essa mesma fonte informa que foi o primeiro diretor da Colônia Santa Isabel.

Joaquim José Filho era juiz comissário em Joinville/SC. Fazia parte da Comissão de Engenheiros. Veio para Blumenau em março de 1875. Foi empregado da Agência de Terras e Colonização, em data não expressa no Blog de Adalberto Day.

*Ignacia de Souza com Dona Maria Carolina Corcoroca natural e baptizada na Matriz de Nossa Senhora do Desterro d'esta Cidade filha legitima de Joaquim Jose de Souza Corcoroca e D. Maria Angélica dos Santos Corcoroca e foram seus testemunhas José Joaquim de Souza Corcoroca e José Manoel de Sousa Sobrinho. O celebrante foi o Pe. João da Costa Pereira. *Nesta folha tem a assinatura de José Joaquim de Souza Corcoroca e José Manoel de Souza Sobrinho. O celebrante foi o Pe. José da Costa Pereira com licença do Vigário.*

Como José Brasilício de Souza²¹, genro de José Joaquim de Souza Corcoroca foi uma figura importante na sociedade catarinense, vale a pena discorrer sobre sua vida. Ele nasceu em 09.01.1854 em Goyana/PE, e faleceu em 30.03.1910, em Florianópolis/SC. (JOSÉ, 2023, Wikipédia, Enciclopédia Livre).

Maria Carolina faleceu em Florianópolis, em 25.03.1910, aos 54 anos de idade, em sua residência à Rua Álvaro de Carvalho n. 16, às 14h, vítima de "Septicemia" atestada pelo médico Dr. Antônio Vicente Bulcão Vianna, e foi sepultada no Cemitério Público Municipal, de acordo com o LORC 30 (1909/1910), Fl. 133, N. 24.067.

²¹ Era pernambucano de nascimento, mas veio para a cidade de Desterro/SC com três anos de idade. Em decorrência da carreira militar, seus pais, tiveram que se transferir para Pernambuco novamente, para onde seu pai foi promovido, mas voltaram outra vez para Desterro, José era o único filho. O pai chegou a ser promovido a capitão por Dom Pedro II e alcançou o posto de comandante da Força de Segurança Pública, criada em 1835 (atualmente Polícia Militar do Estado de Santa Catarina).

José Brasilício era ateu, mas sua ideologia filosófica não lhe impedia de participar como regente em vários coros e em cerimônias religiosas na Cidade de Desterro. Aqui se tornou maestro, compositor e professor de música, piano e rabeca. Estudou piano e violino, já na adolescência e foi aluno do maestro Guilherme Hautz. Entretanto tocava vários instrumentos, mas a sua verdadeira paixão era o piano.

Além de ser contemporâneo foi amigo de catarinenses ilustres como o poeta Cruz e Souza e do pintor Vitor Meirelles; considero o mais importante músico catarinense do século XIX por ser autor da música do Hino do Estado de Santa Catarina, que compôs junto com Horácio Nunes Pires que é o autor da letra. Ele compôs também um Hino para a Loja Maçônica do estado de Santa Catarina. Regeu em 1878 o Coral da Igreja São Francisco, onde fazia revezamento com o maestro Guilherme Hautz, que era luterano.

Foi também professor de História e Geografia da Escola Normal e do Ginásio Catarinense. Três obras de sua autoria foram encontradas na SMAA: uma marcha fúnebre, o Hino do Clube Doze de Agosto e o Hino de Santa Catarina.

Em 1879 aconteceu um sarau no Teatro Santa Isabel, atualmente Teatro Álvaro de Carvalho, em benefício do Hospital de Caridade. Os ingressos não foram vendidos, entretanto cada pessoa podia contribuir com o que pudesse para as obras do referido hospital. Nesta ocasião José Brasilício, Francisco Costa e Adolfo Melo executaram vários números musicais no violino, flauta e piano. "Apenas terminada esta peça, começou um terceto de violino, piano o flauta, executado com primor pelos Srs. Adolpho F. de Mello, José Brasilício e Francisco Costa". (Hemeroteca Digital, 1879, Jornal O Despertador, N. 1742, de 19.11.1879, p.3)

Por ocasião das festividades relativas à proclamação do Dogma da Imaculada Conceição fez uma de suas mais lindas apresentações neste Estado.

Seu piano, um "Pleyer", que foi restaurado, faz parte do acervo cultural do Museu do Palácio Cruz e Sousa em Florianópolis. Ele está no salão térreo do Museu, para quem entra pelos fundos pela Rua Trajano Penso que as autoridades catarinenses ainda não fizeram uma verdadeira homenagem a este homem que adotou Santa Catarina como sua "terra natal". Quem escuta o Hino de Santa Catarina, solado por um piano, pode avaliar com que esmero ele compôs este hino para este nosso Estado. Acho que a letra é muito rebuscada, para nossos dias, mas comum para a época em que foi composta e penso que atualmente não se enquadra muito com a excelente música de José Brasilício. Mas deve ser preservado como obra artística.

Além de músico extraordinário que foi, também era astrônomo e foi reconhecido internacionalmente como estudioso dessa ciência. Estudou várias línguas e era divulgador do "Volapük", código criado na época para ser usado como língua universal, como o Esperanto. "Ele foi também o divulgador do "Volapük" em Santa Catarina no fim do século XIX". (ALVES JUNIOR, 2008, Página de seu Blog, Jul. 1922)

Entre os descendentes de José Brasilício vamos encontrar outros músicos que herdaram a sua veia artística. Apesar de ser ateu ele batizou todos os seus filhos na Igreja Católica, talvez por influência da esposa.



Fig. 9: José Brasilício de Souza (1854-1910). Arquivo Estadual de SC (CIASC.GOV).

Foi durante o seu velório que José Brasilício em meio a toda a sua comoção falou: – “É, meus amigos, lá se foi a nossa Semíramis”. (MUZART, 2001, p. 15).

Assim acabou sendo desvendado naquele momento de dor e de partida o mistério daquele pseudônimo, que tantos anos ela usara nas suas poesias e nos seus escritos. Pseudônimo este que tanto intrigou o mundo literário catarinense.

Um grupo denominado A Mulher na Literatura (Grupo de trabalho – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) dá a Maria Carolina a seguinte informação: “**Maria Carolina Corcoroca de Sousa: Nome completo:** Maria Carolina Corcoroca de Sousa; **Pseudônimo(s):** Semíramis; Nascimento: 1856 – Florianópolis/SC; Morte: 1910 – Florianópolis/SC; Descrição: Poeta”. (Biblioteca Digital da Literatura Catarinense). Com essa informação comprovamos o seu pseudônimo citado anteriormente.

José Brasilício faleceu 5 dias após a morte de sua esposa Maria Carolina, ou seja, em 30 de março, vítima de "Pychemia Concecutiva Aplegmães Diftusas" às 2h. da tarde, em sua residência, à Rua Alvaro de Carvalho, n. 16, aos 56 anos de idade, conforme atestou o Dr. Antônio Vicente Bulcão Vianna, e foi sepultado no Cemitério Público Municipal, de acordo com o LO 30 (1019/1910), Fl. 134, N. 24.070.

Assim se expressa Zahidé Lupinacci Muzart a respeito de Maria Carolina:

Maria Carolina de Sousa Corcoroca, casou-se e teve dois filhos com o pernambucano José Brasilício de Sousa. José Brasilício foi astrônomo, professor, poeta, musicista – tendo composto, entre outros, o Hino do Estado de Santa Catarina – e proprietário do jornal Sul-Americano, de setembro de 1900 a agosto de 1902. O casal parece ter tido importante lugar na vida cultural da sociedade florianopolitana, para a qual oferecia saraus em que poetas e músicos apresentavam-se e discutiam sobre as artes. Maria Carolina era poetisa. Depois de casados passaram a morar na Rua Álvaro de Carvalho. Ela escrevia para o Jornal "Sul-Americano" e foi a quarta mulher catarinense a figurar na obra "Escritoras Brasileiras do Século XIX. Da obra de Maria Carolina Corcoroca de Sousa, nada foi editado em livro, mas ela deixou muitos dispersos nas páginas do jornal Sul-Americano, donde foram coletados 58 poemas, a maioria glosas a motes que ela escreveu sob o pseudônimo "Semíramis". São versos de um poeta a outro, charadas e logogrifos – dedicados a Brasília Silva, por exemplo, pseudônimo da poetisa Delminda Silveira e a Simoni-des, que parece ter sido o poeta Firmino Costa, amigo do casal, nos quais refletiu sobre a questão dos direitos da mulher, a educação e a relação entre o sexo e o direito de escrever e publicar. (MUZART, 2001, p. 15)

O casal **Maria Carolina de Souza Corcoroca e José Brasilício de Souza** teve nove filhos, a saber:

4.2.4.1 Alypio Corcoroca de Souza (*1874) faleceu aos seis meses de vida;

4.2.4.2 Baselissa Maria de Souza (*1875);

4.2.4.3 Alypio de Souza (*1877);

4.2.4.4 Maria Carolina de Souza (*07.07.1876 +24.10.1878);

4.2.4.5 José Brasilício de Souza Filho (*07.11.1877);

4.2.4.6 Álvaro Corcoroca de Souza (*29.06.1879 +01.06.1939);

4.2.4.7 Maria Carolina de Souza (*13.02.1881);

4.2.4.8 Eneas Corcoroca de Souza (*16.11.1882); teve 2 casamentos.

4.2.4.9 Clara Rosaleta de Souza (*13.02.1888);

4.2.5 João de Souza Corcoroca nasceu em 30.08.1859 em Desterro/SC, batizado na Matriz de N. Sra. do Desterro, conforme LB 19 (1858/1860), Fl. 19:

Aos quinze dias do mes de outubro de mil oito centos e cincoenta e nove nesta Matriz de Nossa Senhora do Desterro baptizei e pus os santos oleos ao innocente João nascido a trinta de agosto do corrente, filho legitimo de Joaquim Jose de Sousa Corcoroca e de D. Maria Angelica dos Santos, neto paterno de João de Sousa do Rego e de Helena Rosa de Jesus e maternos de Feliciano dos Santos e Silva e Angelica Maria da Silva, naturaes e baptizados nesta Parochia. Forão padrinhos Manoel Agostinho de Quadros e Dona Ignácia Maria dos Sanctos. O Vig. Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.

João foi padrinho de Maria Carolina, sua sobrinha, em 18.11.1876, e depois de outra sobrinha também de nome Maria Carolina, em 27.05.1882. Não encontrei mais dados sobre ele.

A estação telegráfica de Blumenau foi inaugurada em 09.07.1890. O primeiro agente telegrafista foi João de Souza Corcoroca.

4.2.6 Angélica Adélia de Souza Corcoroca nasceu em 17.07.1861, batizada na Igreja Matriz de Desterro, em conformidade com o LB 20 (1861/1870), Fl. 15 e 15v:

Aos quatorze dias do mes de novembro de mil oitocentos e sessenta e um n'esta Freguesia de N. S. do Desterro, baptizei e pus os Santos Oleos a innocente Angélica, nascida a dezassete de julho do mesmo anno, filha legitima de Joaquim Jose de Souza Corcoroca e Maria Angélica de Souza Corcoroca, Avos Paternos João de Souza Rego e Helena Rosa de Jesus; Avos Maternos Feliciano dos Santos e Silva, natural de Lisbôa e Angélica Maria dos Santos. Padrinhos João Jose de Rosa Ribeiro d'Almeida e N.S. das Dores. Do que fiz este termo que assignei. Pe. Coadjutor José da Costa Pereira.

Quanto ao seu padrinho João José de Rosas Ribeiro d'Almeida, era filho de João José da Rosa e de Maria Joana de Almeida. Se casou em segundas núpcias com Rosa Albina Machado, consórcio do qual nasceu, dentre outros, o poeta Oscar Rosas. Era filiado ao Partido Conservador, foi deputado à Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina.

Sabe-se que por ocasião do casamento de sua filha Angélica Adélia, em 08.01.1886, com Antônio Freyesleben, Joaquim José de Souza Corcoroca tinha o posto militar de Tenente da Armada.

Angélica Adélia e Antônio casaram-se na Igreja Luterana e seu casamento está registrado em "Tauf- Register Der Deutsch Evangel. Gemund zu Desterro" 1, N. 292 e teve como testemunhas Johannes Müller e Anna Theresia Freyesleben Müller, José Brasilício de Souza e Richard Ebel. Ele com 29 e ela com 25 anos de idade. O celebrante foi o Pastor Christian Zluhan. Mais Tarde, Angélica Adélia e Antônio Freyesleben casaram-se na Igreja Católica, conforme o LC 22 (1890/1893), Fl. 36, N. 31:

Aos 08 de novembro de 1892, na Capela do Rosário, filial da Igreja Matriz de Desterro, às 8 horas da manhã, e foram suas testemunhas Antônio Jeronymo Pires e João Sartorato. Foi nesta celebração que fizeram a profissão de fé e aqui também se consolidou o ato de legitimação de seus primeiros quatros filhos, considerados pela Igreja Católica como nascidos antes do casamento: Maria Antonieta, Carlos Jorge, Alberto Jorge (meu avô materno, adendo da autora) e Waldemar.

Assina o documento o Vig. Manoel Joaquim Alves Soares.

Depois de casada passou a chamar-se Angélica Adélia Corcoroca Freyesleben.

Angélica Adélia faleceu na cidade de Florianópolis, no Distrito de Estreito, em 03.06.1924, de acordo com o LO (1924). Angélica Adélia e Antonio Freyesleben tiveram nove filhos²². Eles são pais de:

4.2.6.1 Maria Antonietta Freyesleben (*01.03.1886 +24.06.1969);

4.2.6.2 Carlos Jorge Freyesleben (*06.06.1887 +14.04.1941);

4.2.6.3 Alberto Jorge Corcoroca Freyesleben (*08.06.1889 +21.03.1968);

4.2.6.4 Waldemar Freyesleben (*02.02.1891 +02.04.1922);

4.2.6.5 Oscar Germano Crocoroca Freyesleben (*23.02.1893 +16.08.1966);

4.2.6.6 Edmundo Freyesleben (*14.02.1895 +15.12.1988);

4.2.6.7 Ernani Freyesleben (*21.03.1900 +10.08.1924);

4.2.6.8 Maria Júlia Freyesleben – Mariazinha (*07.10.1903 +São Paulo);

4.2.6.9 Maria Conceição Freyesleben – Lolinha (*01.05.1907 +27.11.1932). Todos nascidos em Florianópolis.

Retomando sobre os demais irmãos de Joaquim José de Souza Corcoroca:

4.3 Geremias de Souza Rego nasceu em 11.07.1822: Geremias foi batizado com 58 dias de vida, na Igreja Matriz da Vila de N. Sra. do Desterro, de acordo com o LB 13 (1820/1829), Fl. 40 e teve como padrinhos Simplicio José Rodrigues (Roiz) e sua filha Benedicta Rodrigues. O celebrante foi o Coad. Francisco da Silveira Dutra.

²² Os descendentes de Angélica Adélia e Antônio Freyesleben já foram arrolados na parte principal de um estudo que editei sobre os descendentes da Família Freyesleben no Brasil: Da Boêmia Alemã para Desterro: genealogia da Família Freyesleben, editado em 2012, pela Editora Nova Letra.

4.4 Maria Joaquina de Souza Rego nasceu em 31.03.1824 e foi batizada na Matriz de Desterro: Maria Joaquina foi batizada na Igreja Matriz da Vila de Nossa Senhora do Desterro de acordo com o LB 13 (1820/1829), Fl. 73 e teve como padrinhos o Capitão-mor Antônio da Silva Mafra e Rita de Cássia Luisa da Silva (solteiros).

Maria Joaquina se casou com João Antonio Cascaes, português de Lisboa na Matriz de Desterro, aos 03.09.1842 (LC 7 1839/1844, Fl. 65v e 66).

Os cinco filhos de Maria Joaquina foram batizados por Joaquim José de Souza Crocoroca. Eles são:

4.4.1 Joaquim Rego Cascaes (Gêmeo) nasceu em 06.10.1843, em Desterro, e foi batizado em 06.02.1844:

Aos seis de fevereiro de mil oito centos e quarenta e quatro nesta Matriz de Nossa Senhora do Desterro da Ilha de Santa Catharina Baptizei solememente e pus os Santos Oleos a Joaquim nascido a quatro meses filho legitimo de João Antonio Cascaes natural da Villa de Cascaes em Portugal e Maria Joaquina de Souza Rego natural desta Parochia. Forão Padrinhos Joaquim José de Souza Rego e Felicidade Rosa de Jesus. LB (1843/1848), Fl. 33v.

4.4.2 Felicidade Rego Cascaes (Gêmea) nasceu em 06.10.1843: Felicidade foi batizada aos quatro meses de vida na Igreja Matriz de N. Sra. do Desterro, de acordo com o LB 16 (1843/1848), Fl. 33v:

Aos seis de fevereiro de mil oito centos e quarenta e quatro nesta Matriz de Nossa Senhora do Desterro da Ilha de Santa Catharina Baptizei solememente e pus os Santos Oleos a innocente Felicidade nascida a quatro meses filha legitima de João Antonio Cascaes, natural da Villa de Cascaes em Portugal e Maria Joaquina de Souza Rego natural desta Parochia; Avos Paternos João Antonio e Antonia Claudina Cantante, maternos João de Souza Rego e Helena Rosa de Jesus; forão Padrinhos Joaquim José de Souza Rêgo e Felicidade Maria de Jesus. O Vig. Antônio Augusto d'Assumpção e Souza. LB (1843/1848), Fl. 33v.

Esses gêmeos devem ter falecido na infância.

4.4.3 Felicidade Rego Cascaes (Gêmea) *20.07.1845 e foi batizada na Matriz do Desterro, de acordo com o LB 16 (1843/1848), Fl. 129. Teve como padrinhos Joaquim José de Souza Corcoroca e Maria Angélica dos Sanctos Corcoroca.

Nota importante para este batismo, é que o padrinho Joaquim José de "Souza Rêgo", se apresenta agora com o seu sobrenome alterado para "Souza Corcoroca".

4.4.4 Joaquim Rego Cascaes (Gêmeo), nasceu em 20.07.1845 e foi batizado Matriz do Desterro e foi batizado na Igreja Matriz de acordo com o LB 16 (1843/1848), Fl. 129:

Aos vinte dias do mes de setembro de mil oito centos e quarenta e cinco nesta Matriz do Desterro da Ilha de Santa Catharina Baupitzei e pus os Santos Oleos a Joaquim nascido a dois meses filho legitimo de João Antonio Cascaes e de d. Maria Joaquina de Souza, Avos paternos João Antonio Cascaes e Antonia Claudina e Avos Maternos João de Sousa do Rego e Ellena Rosa. naturaes desta Cidade forão Padrinhos Joaquim José de Souza e Maria Angélica de Souza. Do que para constar mandei lavrar este termo que assignei. O Vig. Antonio Joaquim Pereira Malheiros.

4.4.5 João Rego Cascaes *23.04.1848 e foi batizado na Igreja Matriz da Cidade de Desterro, conforme o LB 17 (1848/1850), Fl. 7, e teve como padrinhos Joaquim José de Souza Corcoroca e Maria Angélica dos Sanctos Corcoroca. O celebrante foi o Vig. Antônio Joaquim Pereira de Malheiros.

4.4.6 Anna Rego Cascaes nasceu em 23.01.1851 e foi batizada em 22.03.1851:

Aos vinte e dois de março de mil oito centos e cinquenta e um nesta Matriz de Desterro da Ilha de Santa Catharina Baughtizei e pis os Santos Oleos a Anna nascida aos vinte e três de janeiro deste anno filha legitima de João Antonio Cascaes, ele de Portugal e Maria Joaquina de Souza Rego desta Cidade; Avos Paternos ignore-se e Maternos João de Souza Rego e Elena Roza de Jesus naturaes desta Cidade. Forão Padrinhos Joaquim José Cana Verde e Anna Rosa do Espirito Santo. Do que para constar fiz lavrar este termo que assignei. O Vig. Antonio Joaquim Pereira Malheiros. LB (1850/1858), Fl. 109.

4.5 Hisbina de Souza Rego nasceu em 03.06.1825, no Desterro, e foi batizada no dia 5 do mesmo mês. Hisbina foi batizada na Igreja Matriz da Vila de Nossa Senhora do Desterro, conforme o LB 13 (1820/1829), Fl. 97 e teve como padrinhos Domingos do Nascimento e Nossa Senhora da Conceição.

4.6 Ignacia de Souza Rego nasceu em 01.08.1826 e foi batizada a 16 do mesmo mês, de acordo com o LB 13 (1820/1829), Fl. 129v, da Igreja Matriz da Vila de Nossa Senhora do Desterro; foram seus padrinhos José Francisco (casado) e Ignácia Ubaldina Alves (solteira). Ignácia faleceu aos 03.02.1827, com um ano e meio de idade, conforme o LO (1816/1830), Fl. 171, da Matriz do Desterro, e foi sepultada na Irmandade de N. Sra. do Rosário.

4.7 Balduina Rosa de Souza Rego nasceu em 31.08.1828 e foi batizada na Matriz de N. Sra. do Desterro, em 31 de outubro do mesmo ano. Balduina assim como os outros irmãos mais velhos foi batizada na Igreja Matriz da Vila do Desterro, e teve como padrinhos o Alferes Francisco Duarte Silva e Custódia, conforme o LB 13 (1820/1829), Fl. 159v. Balduina se casou com Antonio José Borges, nascido na cidade de Braga, em Portugal, aos 08.05.1850 (LC Fl. 31v e 32. 1848/1850).

Balduína faleceu em 24.12.1859, aos 32 anos de idade, casada, de acordo com o LO (1859/1860), Fl. 13v. Assina o documento de óbito o Vig. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva. Balduína e Antonio José foram pais de:

4.8 Helena Rosa de Souza Borges nasceu em julho de 1857, em Desterro, e foi batizada em 29.11.1857 na Matriz de N. Sra. do Desterro, conforme o LB 18 (1850/1858), Fl. 137v e foram seus Padrinhos Joaquim José de Souza Corcoroca e Maria Angelica dos Sanctos Corcoroca. Helena faleceu de convulsões provocadas por febre puerpural (após parto), solteira, com trinta anos de idade, em 06.04.1888, de acordo com o LO (1888/1895), da Igreja Matriz de Desterro.

Helena teve dois filhos:

4.8.1 Mariano de Souza Borges Marianno filho natural de Helena Rosa de Sousa Borges foi batizado na Matriz de N. Sra. do Desterro conforme o LB 24 (1876/1877), Fl. 28 e teve como padrinhos Marianno José da Rosa e Maria Antônia Rosa de Sousa Borges. Os avós são ignorados. O celebrante foi o Vig. Pe. Sebastião Antônio Martins. Ele nasceu em 17.10.1876 e foi batizado em 19 do mesmo mês e ano.

4.8.2 Josina Rosa de Souza Borges nasceu em abril de 1886 e foi batizada em 01.04.1887. Josina era filha natural, pois sua mãe não era casada. Josina faleceu repentinamente com um ano de idade e foi batizada em casa, por motivo de morte, de acordo com o LO de Desterro (1883/1886), Fl. 87, N. 43. Quanto ao nome de seu pai ele é ausente em sua certidão de batismo, assim como consta no óbito de sua mãe, que ela faleceu solteira.

4.8.3 Maria Antonia de Souza Borges nasceu no Desterro.

4.9 Anna Joaquina de Souza Corcoroca nasceu em 29.01.1829 e foi batizada na Igreja Matriz da Vila de N. Sra. do Desterro, de acordo com o LB 13 (1820/1829), Fl. 195.

Anna Joaquina, irmã de Joaquim José de Souza Corcoroca também adotou o sobrenome Crocoroca. Com ele também foi madrinha de batismo de Josefa Maria filha de Theodor Todeschini e de Guilhermina Rodakowska, em 06.07.1862. LB Theresópolis (1862/1876), Fl. 3.

Anna Joaquina se casou, em 02.03.1862, com Agostinho de Ornellas Lino, nascido em 1831, na Freguesia de Santa Cruz da Vila da Praia, Bispado de Angra, Açores, Portugal filho de Manuel Jacintho de Ornellas Lino e Anna Fortunato Lino.

Era um costume europeu, principalmente entre os espanhóis, que até hoje perdura, colocarem primeiro o sobrenome do pai e depois o da mãe. Para nós brasileiros, seu nome deveria ser Agostinho Lino de Ornellas.

Encontrei também uma referência no LB 11 (1797/1802) da Igreja Matriz de N. Sra. do Desterro, o nascimento de Matheus em 09.06.1798 e seu batizado em 17.06.1798, filho legítimo de Francisco Dornelas e Maria Josefa, cujos avós paternos João e Maria Clara Dornelas, são da Ilha Terceira e avós maternos José da Silva e Maria da Incarnação da Freguesia da Praia, na Ilha Terceira. Mais uma vez se vê corruptela de sobrenomes.

Anna Joaquina era viúva e residia na cidade de Desterro quando faleceu, com 42 anos de idade, no dia 11.08.1871. Foi velada na Capela do Rosário e sepultada no Cemitério Público de Desterro, conforme informações contidas no LO desta Matriz (1866/1872), Fl. 95. O Vigário Sebastião Antônio Martins encomendou sua alma.

Anna Joaquina de Sousa Corcoroca e Agostinho de Ornellas Lino foram pais de:

4.9.1 Henrique de Ornellas Lino.

4.9.2 Marianna de Ornellas Lino.

4.9.3 Maria de Ornellas Lino.

Considerações finais

Foi para mim um enorme prazer contribuir com o presente texto sobre a pessoa de Joaquim José de Souza Corcoroca, Diretor da Colônia Santa Isabel, no período de 1860/1865, por fazer parte de sua descendência. Sei que muitos textos farão parte desse compêndio sobre 175 anos da fundação dessa colônia. Espero que eu possa ter contribuído com esses subsídios encontrados em minha pesquisa sobre o diretor dessa colônia alemã que outrora abrigou imigrantes que vieram povoar Santa Catarina.

Essa genealogia pertence em parte à família de minha mãe Zulma Freyesleben Meira, já falecida, pela sua parte paterna. Concluindo esse estudo genealógico, presto minha homenagem ao primeiro diretor da Colônia Santa Isabel, meu **triavô** Joaquim José de Souza “Corcoroca” (nascido Joaquim José de Souza “Rego”), a minha bisavó Angélica Adélia de Souza Corcoroca e, ao meu avô materno, Alberto Jorge Corcoróca Freyesleben que herdou dele o sobrenome Corcoroca que, em 1942, foi incorporado ao seu nome, porém a palavra já veio acentuada.

Referências

- GOMES, Laurentino. **1822**. São Paulo/SP: Nova Fronteira, 2010.
- JOCHER, Toni. **A epopeia de uma emigração**. Águas Mornas/SC: ed. do autor, 1997.
- MATTOS, Jacintho Antonio de. **Colonização do Estado de Santa Catharina: Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916)**. Florianópolis/SC: Gab. Typ. D’O Dia, 1917.
- MOSIMANN, João Carlos. **Ilha de Santa Catarina 1777-1778 – A Invasão Espanhola**. Florianópolis/SC: ed. do autor, 2003.
- NEUMAMM, Rosane Márcia. **O diretor da colônia e a colonização: a atuação de Hermann Faulhaber no Sul do Brasil**. In: Revista de História Regional. Cidade Rio Grande/RS. 2018. V. 23.

Legislação

BRASIL. Decreto n. 1.318, de 30.01.1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1318-30-janeiro-1854-558514-publicacaooriginal-79850-pe.html> – Acesso em: 25 jan. 2024.

Periódicos

- Jornal do Commercio (SC) 1891** Edição 00085, de 02.06.2891, p. 3. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=887790&pesq=Joaquim%20Jos%C3%A9%20de%20Souza%20Corcoroca&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=1004> – Acesso em: 16 dez. 2023.
- O Argos da Província de SC (1856/1861)**. Edição 00041, de 25.05.1856, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=233889&pagfis=153> – Acesso em: 09 dez. 2023.
- O Argos da Província de SC (1856/1861)**. Ed. 00218 1, de 1857 F. 2. Disponível em <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=233889&Pesq=joaquim+jose+de+souza+corcoroca&pagfis=7270> – Acesso em: 17 dez. 2023.
- O Argos da Província de SC (1856/1859)**. Aviso n. 17, de 30.06.1859, n. 513, de 08.01.1859. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=887790&pesq=Joaquim%20Jos%C3%A9%20de%20Souza%20Corcoroca&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=1004> – Acesso em: 17 dez. 2023.
- O Argos da Provincia de SC (1860)**. Edição 645, de 18.12.1860, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/233889/per233889_1860_00645.pdf – Acesso em: 09 dez. 2023.
- O Argos da Provincia de SC (1860)**. Edição 645, de 25.12.1860, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/233889/per233889_1860_00645.pdf – Acesso em: 09 dez. 2023.

O Argos da Província de SC (1859). Edição 513, de 03.11.1859, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/233889/per233889_1859_00513.pdf – Acesso em: 09 dez. 2023.

Jornal O Cruzeiro do Sul. 1859, N. 150, de 02.10.1859, p. 1. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20do%20sul%20-%20Desterro/OCD1859150.pdf> – Acesso em: 28 jan. 2024.

Jornal O Cruzeiro do Sul. 1859, N. 156, de 23.10.1859, p. 1. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20do%20sul%20-%20Desterro/OCD1859156.pdf> – Acesso em: 28 jan. 2024.

Jornal O Cruzeiro do Sul. Jornal, 1860, N. 45, de 09.08.1860, p. 2. Disponível em; <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20j%20desterro/OCRU1860045.pdf> – Acesso em: 28 jan. 2024.

Jornal O Cruzeiro do Sul. 1860, N. 180, de 19/01/1860, p. 2. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20do%20sul%20-%20Desterro/OCD1860180.pdf> – Acesso em: 28 jan. 2024.

Jornal O Cruzeiro do Sul. 1860, N. 183, de 02/02/1860, p. 2. Disponível em; <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20do%20sul%20-%20Desterro/OCD1860183.pdf> – Acesso em: 11 dez. 2023.

Jornal O Cruzeiro do Sul. 1860, N. 189, de 26.02.1860, p. 1. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20do%20sul%20-%20Desterro/OCD1860189.pdf> – Acesso em: 28 jan. 2024.

Jornal O Cruzeiro do Sul. Inventário Analítico dos registros das correspondências da presidência da Província para engenheiros (1862/1870), Volume 2, Caixa 67, Registro n. 91, p. 23v/24. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20j%20desterro/OCRU1860045.pdf> – Acesso em: 09 dez. 2023.

Jornal "O Despertador", N. 1.742, de 19.11.1879, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/709581/per709581_1879_01742.pdf Acesso em: 09 dez. 2023.

Relatórios

SANTA CATARINA (Província). **Relatório apresentado ao Exmo. Vice-Presidente da Província de Santa Catarina Dr. Eloy de Barros Pimentel pelo Presidente da Provincia de Santa Catharina, Dr. João José Coutinho, por ocasião de passar-lhe a administração.** Rio de Janeiro, RJ: Typographia Universal de Laemmert, 1863. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000517/rpescatarina1859b/rpescatarina1859b.pdf> – Acesso em: 22 nov. 2023.

SANTA CATARINA (Província). **Relatório apresentado ao Exmo. Presidente da Provincia de Santa Catharina o Capitão tenente Pedro Leitão da Cunha pelo Vice-Presidente o Comendador João José de Souza Coutinho por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província.** Rio de Janeiro, RJ: Typographia Universal de Laemmert, 1859. Disponível em: <https://www.familysearch.org/library/books/viewer/192038/?offset=48#page=11&viewer=picture&o=info&n=0&q=> – Acesso em: 22 nov. 2023.

SANTA CATARINA (Província). **Relatório Dirigido ao Exmo Sr Presidente da Provincia de Santa Catharina Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque.** Rio de Janeiro/RJ: Typographia Universal de Laemmert, 1861. Disponível em: <https://www.familysearch.org/library/books/viewer/190353/?offset=8#page=1&viewer=picture&o=info&n=0&q=> – Acesso em: 26 dez. 2023.

SANTA CATARINA (Província). **Relatório Pres. Província**, 1860, p. 18. Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. Arquivo Histórico Ultramarino Disponível em: <https://digitarq.ahu.arquivos.pt/details?id=1313229> – Acesso em: 15 dez. 2023.

Webgrafia

ALFACINHA. **Wikipedia, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfacinha>. – Acesso em: 12 dez. 2023.

ALVES JUNIOR, Ozias. **José Brasilcio de Souza**. 2008. Disponível em: <https://oziasjornalismo.blogspot.com/2008/07/jos-brasilcio-de-souza-la-saulo-kaj-la.html> – Acesso em: 23 nov. 2023.

Arquivo Público de Santa Catarina – **Inventário Analítico dos registros das correspondências da Presidência da Província para Câmaras municipais (1863/1867)**. Disponível em: <https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/uoloads/arquivo-publico-do-estado-de-santa-catarina/4/a/7/4a7778af3825309399231875d7bc17990f109de654fef61594b5e14248cc53ce/Volumelume06,1863-1867.pdf> – Acesso em: 18 jan. 2024.

Arquivo Público de Santa Catarina. **Inventário Analítico dos registros das correspondências da Presidência da Província para Engenheiros (1862/1870)**. Disponível em: https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/uploads/r/arquivo-publico-do-estado-de-santa-catarina/e/3/3/e334a987908f8301225de190962ea2fbd73de7025763786ab2c089869b12b7f6/REGISTRO_PRES.P._PARA_ENGENHEIROS_-_1862-1870_OK.pdf – Acesso em: 18 jan. 2024.

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. **Livro de Assentamentos do Tesouro do Estado de Santa Catarina**. N. 6, f. 36v. Florianópolis/SC. Disponível em: https://www.google.com/search?q=livro+de+assentamentos+do+tesouro+do+estado+de+sc.+n.6%5D&oq=&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAEEUYOxjCAzIJCAAQRrg7GMIDM-gkIARBFGDsYwgMyCQgCEEUYOxjCAzIJCAMQRrg7GMIDMgkIBBBFGDsYwgMyCQgFEEUYOxjCAzIJCAYQRrg7GMIDMgkIBxBFGDsYwgPSAQo2MTU2N2owajE1qAllsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8 – Acesso em: 21 dez. 2023.

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. **Livro de Índice Onomástico "Termos de Jramento" – 1791/1900 – V. 3**. Florianópolis/SC: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. 2011. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Livro+de+Indice+Onom%C3%A1stico+%22Termos+de+Jramento%22+%E2%80%93+1791%2F1900+%E2%80%93+Vol.+3&oq=Livro+de+Indice+Onom%C3%A1stico+%22Termos+de+Jramento%22+%E2%80%93+1791%2F1900+%E2%80%93+Vol.+3&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggA-EEUYOTIGCAEQRRg70gEJODgxOWowajE1qAllsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8. – Acesso em: 15 jan. 2024.

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. **Livro de Índice cronológico/onomástico das correspondências expedidas de Diversos para Governo da Capitania e Arquivo Público do Estado de Santa Catarina Presidência da Província (1748/1889)**, v. 1, 1860, Florianópolis/SC. Disponível em: <https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/index.php/indice-cronologico-onomastico-das-correspondencias-expedidas-de-diversos-para-governo-da-capitania-e-presidencia-da-provincia-1748-1889-v-1> – Acesso em: 25 nov. 2023.

BRASIL MARÍTIMO: **Periódico dedicado a Propagação dos conhecimentos marítimos e dos melhoramentos feitos na difícil arte de navegar (PE) 1854/1859**. Ed 006. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=814903&pesq=Joaquim%20Jos%C3%A9%20de%20Souza%20Corcoroca&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.br&pagfis=395> – Acesso em: 16 nov. 2023.

BRUCH, Jonas; JOCHEM, Toni. **Introdução: dos 175 anos de Fundação da Colônia Santa Isabel ao Bicentenário da Imigração alemã no Brasil. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação**, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao>. – Acesso em: 16 nov. 2023.

BRUCH, Jonas. **A regulamentação e ampliação da Colônia Santa Isabel na década de 1860. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação**, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao> – Acesso em: 23 jan. 2023.

BRUCH, Jonas. Os irmãos Jakob, Peter e Louis: da primeira geração de brasileiros da família Bruch. **Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação**, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/midias/imagens/9.-Os-irm%C3%A3os-Jakob,-Peter-e-Louis---da-primeira-gera%C3%A7%C3%A3o-de-brasileiros-da-fam%C3%ADlia-Bruch.16694309161.pdf> – Acesso em: 13 dez. 2023.

CRISPIN, Ana Carolina Teixeira. **Além do acidente pardo. Os oficiais das milícias pardas de Pernambuco e Minas (1766-1807)**. 2011. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16810/Dissert-ana-carolina-teixeira-crispin.pdf> – Acesso em: 05 dez. 2023.

DAY, Adalberto. **Hermann Wendeburg**, 2008. Disponível em: <https://adalbertoday.blogspot.com/search?q=hermann-wendeburg>. – Acesso em: 22 nov. 2023.

HÖLKER, Helmar. **Raízes da Imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo**. Vitória/ES: Arquivo Histórico do Espírito Santo, 2016. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/APEES_23_Ra%C3%ADzes_da_Imi-gra%C3%A7%C3%A3o_Alem%C3%A3_Helmar_R%C3%B6lke.pdf – Acesso em: 23 nov. 2023.

JOICHEM, Toni. Colônia Santa Isabel in **Imigração alemã**. Blog do autor. 2022. Disponível em: http://www.tonijochem.com.br/col_santaisabel.htm – Acesso em: 15 dez. 2023.

JOICHEM, Toni; BRUCH, Jonas. Introdução: dos 175 anos de Fundação da Colônia Santa Isabel ao Bicentenário da Imigração alemã no Brasil. **Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação**, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/> – Acesso em: 19 dez. 2023.

JOICHEM, Toni. **A Formação da Colônia Teresópolis e a Atuação da Igreja Católica** – Dissertação apresentada na UFSC, 2002. Mestrado em História. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/30365117.pdf>, – Acesso em: 25 abr. 2024.

JOICHEM, Toni. A Imigração alemã, Teresópolis. Disponível em: http://www.tonijochem.com.br/col_teresopolis.htm – Acesso em: 02 abr. 2024.

JOSÉ BRASÍLÍCIO DE SOUZA in **Wikipedia, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Brasil%C3%ADcio_de_Souza – Acesso em: 02 dez. 2023.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de terras em Santa Catarina: posse, propriedade e legitimação no Planalto Serrano e Meio-oeste no final do Império e início da República (1854-1912)**. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, Jun. 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856707_13daeb5753ade72b8fbf4b65442cbf90.pdf – Acesso em: 01 fev. 2023.

MARIA CAROLINA CORCOROCA DE SOUZA. **Biblioteca Digital da Literatura Catarinense**. Florianópolis/SC: UFSC. Disponível em: <https://portalcatarina.ufsc.br/autores/?id=13652> – Acesso em: 19 dez. 2023.

MUZART, Zahide Lupinacci. **Semíframes**. In: Cardozo, Flavio José & Schmitz, Paulo Clóvis. *Jornal Ô Catarina*. Florianópolis/SC: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. Set/2001, n. 48. Disponível em: https://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes_ – Acesso em: 25 nov. 2023.

PIAZZA, Walter Fernando. **A Colônia Angelina**. 1973. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111472/981.640.703P584a-T.pdf?sequence=Pag.240>, – Acesso em: 10 fev. 2024.

PAQUETE, **Wikipedia, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimédia Foundation, 2024. Wikipédia. A Enciclopédia Livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paquete> – Acesso em: 06 abr. 2024

Pesquisa Genealógica

ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro, Batismos, Casamentos e óbitos**. A partir de 1799. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ar>. – Acesso há mais de 15 anos.

ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Livros Eclesiásticos de Batismo do Curato de Theresópolis**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark> – Acesso em 2023.

Como citar este artigo

LUZ, Maria Helena Meira. **O Diretor da Colônia Santa Isabel que não falava a língua dos imigrantes**. *Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação*, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>